



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS



A COMUNIDADE DO LOBO EM CÁCERES, MATO GROSSO E SUA RELAÇÃO COM OS RECURSOS VEGETAIS, PERCEPÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

GUSTAVO LAET RODRIGUES

Dissertação apresentada para Defesa Pública junto à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais para obtenção do título de Mestre.

**CÁCERES
MATO GROSSO, BRASIL
2012**

GUSTAVO LAET RODRIGUES



(Fonte: Rodrigues, G. L., 2011)

A COMUNIDADE DO LOBO EM CÁCERES, MATO GROSSO E SUA RELAÇÃO COM OS RECURSOS VEGETAIS, PERCEPÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dissertação apresentada para Defesa Pública junto à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Germano Guarim Neto

**CÁCERES
MATO GROSSO, BRASIL
2012**

Rodrigues, Gustavo Laet

A Comunidade do Lobo em Cáceres, Mato Grosso e sua Relação com os Recursos Vegetais, Percepção e Educação Ambiental / Gustavo Laet Rodrigues – Cáceres, 2012.

80 f.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade do Estado de Mato Grosso, 2012.

Orientador: Germano Guarim Neto

GUSTAVO LAET RODRIGUES

**A COMUNIDADE DO LOBO EM CÁCERES, MATO GROSSO
E SUA RELAÇÃO COM OS RECURSOS VEGETAIS,
PERCEPÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Essa dissertação foi julgada e aprovada em Defesa Pública como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Cáceres, 31 de Agosto de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Miramy Macedo

Universidade de Cuiabá – Examinadora UNIC

Prof. Dr. Elias Renato da Silva Januário

Universidade do Estado de Mato Grosso – Examinador UNEMAT

Prof. Dr. Germano Guarim Neto

Universidade Federal de Mato Grosso – Orientador

Prof. Dr. Aumeri Carlos Bampi

Universidade do Estado de Mato Grosso - Examinador Suplente UNEMAT

DEDICATÓRIA

Dedico à minha querida mãe, Lailda de Laet Rodrigues, pela dedicação, amor e carinho, e aos meus irmãos e irmãs pelo apoio e incentivo aos estudos e compreensão dos momentos de ausência.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS



Aos moradores da Comunidade do Lobo, pelos conhecimentos revelados e por sempre me receber com atenção, simpatia e amizade durante esses meses de coleta de dados. A receptividade demonstrada pela comunidade reforça minha reverência e admiração.

(Fonte: Rodrigues, G. L., 2011)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por teu infinito amor para comigo, pelas bênçãos recebidas, pela saúde e humildade para lutar por aquilo que sempre acreditei e acredito.

A Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT pelo ensino e formação com qualidade.

Aos Professores que contribuíram na minha formação acadêmica durante minha trajetória educacional.

Aos Professores do Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais, pela dedicação em orientar e contribuir na formação de multiplicadores de saberes.

Ao querido orientador Professor Dr. Germano Guarim Neto pelas orientações, ensinamentos e sabedoria que serão o referencial e o espelho para a vida acadêmica. Também pela paciência e compreensão quanto as adversidades ocorridas durante o mestrado.

Às professoras Herena Naoco Chisaki Isobe e Maria Cristina Mendes Costa que oportunizaram a realização do trabalho monográfico de graduação na Comunidade do Lobo. E aos meus amigos Zilda Pereira da Silva e Ivo Pereira da Silva, moradores da Comunidade que me apresentaram aos moradores nessa oportunidade.

Aos amigos e irmãos Henry Willian Van Der Laan Barbosa, Gustavo Zaninelo Oliveira, Sebastião dos Santos e Stephanni Gabriella Silva Sudré parceiros incontestáveis durante as provações do mestrado.

Aos amigos Raquel Borges Silva, Carla Simone Giroto de Almeida Pina Barelli, Davi Silva Dalberto, Gabrielle Balbo Crepaldi, Leilacir Beltz, Rosilainy Surubi Fernandes, Gilmar Batista Marostega, Maria da Gloria dos Santos e Edenio Sebastião Faria da Silva pela amizade durante nossa caminhada no mestrado.

Aos Profissionais Técnicos da Educação Superior – PTES, Ediléia Gonçalves Leite, Ricardo Furlanetto Amorim, Camila Ferrer e Francismar Petini que se dedicaram e/ou se dedicam na secretária do programa para que os professores possam ministrar as aulas e pela amizade e incentivo. Em especial a PTES Kele Cristina dos Reis pela receptividade, amizade e cuidado constante comigo e com todos os alunos do Mestrado.

À Banca Examinadora do Projeto, que contribuiu no direcionamento da pesquisa. Banca de Qualificação e de Defesa pelas arguições e sugestões para o enriquecimento do trabalho.

A minha mãe Lailda de Laet Rodrigues pelo carinho, respeito, amizade, dedicação e incentivo em sempre estudar.

Aos meus irmãos e irmãs pelo apoio, incentivo e amizade.

Aos meus familiares pelo carinho, amizade, incentivo e compreensão em muitos momentos nesses dois anos de estudos.

Aos amigos e parceiros de trabalho Ana Paula de Oliveira, Andréa Correia Carneiro, Adriano Vilela Gonçalves, Renê Arnoux da Silva Campos e Jesus Pedroga, que durante os anos de trabalho souberam compreender e respeitar os meus defeitos e qualidades, e pelo compartilhamento das angústias e contribuição no crescimento mútuo.

Aos parceiros de trabalho da PRPPG/UNEMAT pelo respeito, auxílio nas ações do cotidiano, a postura ética e profissional, colaboraram no exercício de reflexão e aprendizado em ser uma pessoa melhor. O apoio de todos foi fundamental para concretização desse sonho.

Aos amigos Paulo Danelichen, Evaldo Ferreira, Miguel Castilho, Ivanete Parzianello e Adriana dos Santos, canasteiros de plantão, pelos momentos marcantes de descontração que partilhamos.

À família Ferraz Bulher, minha segunda casa, pela amizade e respeito conquistado nesses anos, e as minhas “maninhas” Beatriz, Barbara, Juliana e Helena.

Aos demais amigos que não foram citados aqui, por favor, não se sintam menos prestigiados, a amizade de cada um contribuiu para superação dos momentos de dificuldades.

A todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente na realização deste trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	x
LISTA DE TABELAS.....	xi
RESUMO.....	xii
ABSTRACT.....	xiii
1. INTRODUÇÃO.....	14
2. BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1. Educação Ambiental.....	15
2.2. Percepção Ambiental.....	17
2.3. Povos, Comunidades Humanas e Ambientes.....	19
2.4. Os Recursos Vegetais.....	20
3. MATERIAL E MÉTODOS.....	22
3.1. Área de Estudo.....	22
3.1.1. Breve Caracterização da Cidade de Cáceres.....	22
3.1.2. Caracterização da Comunidade do Lobo.....	24
3.1.3. Comunidade do Lobo: Desvelando seu Povo e sua Identidade.....	25
3.1.3.1. Aspectos Socio Culturais da Comunidade.....	25
3.1.3.2. Revelando a Identidade dos Membros da Comunidade.....	31
3.2. Protocolo da Coleta de Dados.....	34
4. O SABER NA COMUNIDADE DO LOBO EM RELAÇÃO AOS RECURSOS VEGETAIS.....	38
4.1. As Plantas Cultivadas pela Comunidade do Lobo.....	38
4.2. A Comunidade Expressa seus Conhecimentos sobre o Uso e Manejo das Plantas.....	45
4.3. A Função dos Quintais na Comunidade.....	54
4.4. Os Saberes Transmitidos.....	57
5. AMBIENTE, COMUNIDADE E PERCEPÇÃO AMBIENTAL.....	59
6. REFLETINDO SOBRE GESTÃO, CONSERVAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	65
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
9. ANEXOS.....	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização da Cidade de Cáceres.....	22
Figura 2	Localização da Comunidade do Lobo em Cáceres.....	24
Figura 3	Vista de Artesanatos fabricados de caule parasitado	29
Figura 4	Colcha artesanal confeccionada por entrevistada.....	30
Figura 5	Distribuição dos Moradores em cada Residência.....	31
Figura 6	Pesquisador e moradores entrevistados.....	35
Figura 7	Moradores entrevistados na Comunidade do Lobo.....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Idade dos Entrevistados.....	32
Tabela 2	Gênero dos Entrevistados.....	32
Tabela 3	Tempo de Moradia dos Entrevistados na Comunidade do Lobo.....	33
Tabela 4	Tempo de Moradia dos Entrevistados na Cidade de Cáceres.....	33
Tabela 5	Ascendência dos Entrevistados.....	33
Tabela 6	Ocupação/Profissão dos Entrevistados da Comunidade do Lobo.....	34
Tabela 7	A tipologia das Relações Ambientais propostas por SAUVÉ (2005).....	37
Tabela 8	Relação das Plantas catalogadas nas residências e suas finalidades.....	38
Tabela 9	A tipologia ambiental proposta por Sauv� (2005) adaptada quanto às rela�es na comunidade estudada.....	63

RESUMO

RODRIGUES, G. L. *A Comunidade do Lobo em Cáceres, Mato Grosso e sua relação com os Recursos Vegetais, Percepção e Educação Ambiental*. Cáceres: UNEMAT, 2012. 80 p. (Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais).

Os estudos etnobiológicos são importantes porque possibilitam revelar os saberes populares e as práticas tradicionais de comunidades humanas. Este estudo objetivou identificar os recursos vegetais cultivados e utilizados pela Comunidade, a percepção ambiental dos moradores do Lobo e a transmissão dos conhecimentos e das práticas tradicionais nas gerações. Essa comunidade está localizada na região periférica da Cidade de Cáceres-MT, sendo constituída de Chácaras. Realizou-se 33 entrevistas no período entre os dias 26/04/11 a 15/11/11, as mesmas ocorreram preferencialmente com mais de um morador de cada residência, sendo que, no mínimo, um tenha sido um dos genitores e com outro morador mais jovem com idade mínima de quinze anos. Na comunidade ocorre parentesco entre moradores de várias residências. Os entrevistados apresentaram idades variáveis entre 15 a 91 anos, sendo dezoito do sexo feminino e quinze do sexo masculino. Dos trinta e três entrevistados dezessete são Cacerenses, quatro de Outras Cidades do Estado de MT e doze de Outros Estados. Entre os entrevistados, vinte e três residem na cidade há mais de vinte e cinco anos e dezoito deles moram acima desse período na própria comunidade. Foram 142 etnoespécies descritas pela comunidade de diferentes famílias, sendo cultivadas em geral com finalidade ornamental, medicinal e alimentícia. Em relação a transmissão dos conhecimentos de cultivo, os mais jovens da comunidade aprenderam o manejo e expressaram participar dessa tarefa com os mais velhos. Quanto à percepção ambiental dos entrevistados, ocorreu a categorização em tipologias, sendo que as mais citadas foi natureza, onde o ambiente é para ser apreciado e preservado, recurso, onde é para ser gerenciado e como lugar para se viver, onde são elencados seus aspectos históricos e sociais. Compreender o modo de vida, as relações sociais, os saberes e as percepções ambientais estabelecidas na comunidade, podem fornecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias de Educação Ambiental visando à sustentabilidade ambiental.

Palavras-chave: Percepção ambiental. Recursos vegetais. Comunidade humana.

ABSTRACT

RODRIGUES, G. L. **Lobo's community in Cáceres, Mato Grosso and the relations with plant resources, perception and environmental education.** Cáceres: UNEMAT, 2012. 80 p. (Master Dissertation in Environmental Sciences). Advisor: Prof. Dr. Germano Guarim Neto.

The ethnobiological studies are important because they allow to reveal the popular knowledge and traditional practices of human communities. This study aimed to identify the resources crops harvested and used by the Community, the environmental perception of the residents and the transmission of knowledge and traditional practices in generations. This community is located at the periphery of the city of Cáceres, Mato Grosso state, Brazil, which consists of small farms. A total of 33 interviews was conducted during the period between April to November of the year of 2011, preferably the same occurred with more than one occupant of each residence, with at least one was a parent and another resident with younger age of fifteen. In the community there is kinship between residents of several homes. The interviewed were ages between 15-91 years, and are eighteen female and fifteen male. Of the thirty-three respondents seventeen are Cácerenses, four other cities of the state of Mato Grosso and twelve of other states. Among the respondents, twenty-three reside in the city more than twenty-five and eighteen of them live above this sentence in the community. A total of 142 ethnospecies were cataloged in the community in different families being cultivated in the general-purpose ornamental, medicinal and food plants. Regarding the transmission of knowledge of culture, the younger of the community learned the management and expressed participate in this task with their elders. Regarding the environmental perception of respondents, was the categorization of types, and the most frequently mentioned was nature, where the environment is to be appreciated and preserved, resort, where it is to be managed and as a place to live, which is concerned with historical and social aspects. Understanding the way of life, social relationships, knowledge and perceptions established environmental community can provide input for developing strategies aimed at environmental education and environmental sustainability.

Key words: Environmental perception. Plant resources. Human community.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Posey (1987) a etnobiologia é essencialmente o estudo dos conhecimentos e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia, ou seja, é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes.

De acordo com Nordi *et al.* (2001) a etnoecologia tem a função de desvendar, compreender e sistematizar, cientificamente, todo um conjunto de teorias e práticas relativas ao ambiente, oriundas de experimentação empírica do mesmo por culturas tradicionais, indígenas ou autóctones.

Uma contribuição sobre o etnoconhecimento em terras mato grossenses, esta relacionado aos quintais abordado por Guarim Neto e Carniello (2007), quando descrevem pressupostos biológicos, culturais e de representações sobre os recursos vegetais e a cultura de populações humanas diversificadas, habitando áreas do cerrado, pantanal e floresta.

Szabó (1997, *apud* Albuquerque, 1999) apresenta outro conceito interessante, o de etnobiodiversidade, como o estudo da “diversidade biológica influenciada não apenas pelas condições ecológicas, mas também pelas tradições culturais e a experiência ecológica acumulada por comunidades humanas, mais ou menos tradicionais, durante o manejo sustentado de seu ambiente”.

Os conhecimentos relacionados a cultura da sociedade humana trazem intrínsecos aspectos do pensamento, palavras, ações e saberes que podem ser aprendidos e transmitidos de um indivíduo para outros (SALZANO, 1993).

Para Geertz (1989) o conceito de cultura é semiótico, acreditando que o homem está amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu.

Desta forma, pode-se compreender que a cultura não é uma ciência experimental em busca de leis, mas interpretativa à procura de significados.

De acordo com Carvalho (2004) deve-se construir uma prática cultural ecológica que compreenda natureza e sociedade como dimensões intrinsecamente relacionadas e que não podem mais ser pensadas — seja nas decisões governamentais, seja nas ações da sociedade civil — de forma separada, independente ou autônoma.

O movimento ambientalista, recentemente, passou a questionar outras determinantes da crise ambiental, tais como a distribuição do poder e da riqueza e a implantação desses fatores no equilíbrio ecológico do planeta (SEGURA, 2001).

De acordo com Carvalho (2001) o debate ambientalista generaliza-se em certo consenso no plano da opinião pública, a respeito da urgência de sensibilizar as diferentes classes sociais da população sobre os problemas ambientais que ameaçam a vida no planeta.

No processo educativo, o aprendizado envolve um trabalho de prática de todas as capacidades que promovem o desenvolvimento do ser humano sendo que para a efetivação desse processo, são necessárias à continuidade e a constante compreensão, interpretação e expressão da realidade. Logo, a participação da comunidade é decisiva, por deter o saber local (GUARIM, 2000).

Deste modo, a educação deve ser voltada para as reais necessidades de conhecimento básico e de uma formação do pensamento (WERNECK, 1998).

Questionamentos e reflexões em relação às questões ambientais são importantes, pois, demonstra a necessidade de práticas educacionais mais efetivas e localizadas para sensibilizar a população do problema ambiental na perspectiva da sustentabilidade.

Primack e Rodrigues (2001) indicam que o desenvolvimento sustentável tornou-se um conceito importante para guiar as atividades humanas, mas não é possível encontrar o equilíbrio exato entre a proteção da diversidade biológica e o uso dos recursos naturais.

Por outro lado, Jacobi (2003) faz referência à sustentabilidade como um novo critério integrado que precisa estimular permanentemente a responsabilidade ética, e na medida em que enfatiza os aspectos extra econômicos, busca reconsiderar os aspectos relacionados com a equidade, a justiça social e a própria ética dos seres vivos. Essa nova perspectiva surgiu a partir da crescente constatação da degradação e dos riscos gerados pela sociedade industrial, o que mantém a luta ambiental em reestruturações constantes.

2. BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Educação Ambiental

A Lei N° 9.795, de 27 de abril de 1999, define Educação Ambiental como um processo por meio do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial para alcançar a qualidade de vida e sua sustentabilidade.

A educação ambiental com sua dimensão abrangente é uma forte aliada para reorientar a educação em direção à sustentabilidade (TRISTÃO, 2004).

Segundo Sorrentino *et al.* (2005) a educação ambiental nasce como um processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado, que implica a questão distributiva entre benefícios e prejuízos da apropriação e do uso da natureza. Ela deve, portanto, ser direcionada para a cidadania ativa considerando seu sentido de pertencimento e co responsabilidade, que por meio da ação coletiva e organizada, busca a compreensão e a superação das causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais.

A Educação Ambiental está ligada a dois desafios vitais: a questão da perturbação dos equilíbrios ecológicos, dos desgastes da natureza e a questão da educação. Os desequilíbrios e a educação são heranças de um modelo de desenvolvimento socioeconômico, que se caracteriza pela redução da realidade a seu nível material econômico, pela divisão do conhecimento em disciplinas que fragmentam a realidade, pela redução do ser humano a um sujeito racional, pela divisão das culturas (TRISTÃO, 2005).

Na década de 1970, começou-se a discutir um modelo de desenvolvimento que harmonizasse as relações econômicas com o bem estar das sociedades e a gestão racional e responsável dos recursos naturais que Sachs (1986), denominou de ecodesenvolvimento.

Para Leff (2003) a aprendizagem ambiental é um saber pedagógico, analítico e interpretativo para os processos de elaboração de sentidos comuns e conhecimentos públicos, sobre a sustentabilidade ecológica, social, cultural e econômica do planeta.

A educação, gestão participativa e diálogo entre stakeholders (atores, sujeitos sociais) estão inseridas como três parâmetros fundamentais para a regulação ambiental (CAVALCANTI, 1999).

A educação ambiental entra nesse contexto orientada por uma racionalidade ambiental, transdisciplinar, pensando o meio ambiente não como sinônimo de natureza, mas como uma base de interações entre o meio físico-biológico com as sociedades e a cultura produzida pelos seus membros.

De acordo com Leff (2001) a racionalidade ambiental como produto da *práxis*, ou seja, seria “um conjunto de interesses e de práticas sociais que articulam ordens materiais diversas que dão sentido e organizam processos sociais através de certas regras, meios e fins socialmente construídos”.

2.2. Percepção Ambiental

Segundo Tuan (1980) a percepção é tanto a resposta dada pelos nossos órgãos do sentido aos estímulos externos, como também a atividade proposital, na qual registramos certos fenômenos com clareza, enquanto ignoramos outros. Nessa perspectiva a humanidade preocupa-se no ter e não se questiona do seu papel e contribuição para a situação ambiental atual.

Os indivíduos percebem o ambiente de forma diferente e suas respostas a esses estímulos estão relacionadas à sua atitude e experiência, assim as respostas ou manifestações resultam das percepções e julgamentos de cada indivíduo.

De acordo com Tuan (1980) a atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo, que tem maior estabilidade do que a percepção, porque é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. Nessa perspectiva, as atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesse e valor. A visão do mundo é uma experiência contextualizada, é parcialmente pessoal e em grande parte social.

O hábito da humanidade em relacionar o sentir somente com significado de ver (Tuan, 1983), cria a ideia do “só vendo para crer” sem valorizar aos outros sentidos como: o ouvir, o cheirar e o tocar. Isto ocorre na medida em que as pessoas desvinculam-se do ambiente natural para melhor “dominá-lo”.

Atualmente, quando um indivíduo é convidado a sentir o ambiente natural a sua volta, ele terá muito o que falar sobre a beleza das flores, do verde das árvores

ou do azul do céu e do mar, mas muito pouco serão as pessoas que lhe detalharam o perfume das flores, a aspereza de certas folhas, o calor do sol queimando a pele ou o barulho e o cheiro do mar (SATO, 2001).

Segundo Merleau-Ponty (1999) a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência. É também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”.

Cada parte anuncia mais do que ela contém, e essa percepção elementar já está portanto carregada de um sentido. O “algo” perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um “campo”. Somente a estrutura da percepção efetiva pode ensinar-nos o que é perceber (MERLEAU-PONTY, 1999).

Neste sentido, é importante compreender como as comunidades tradicionais conhecem e entendem o ambiente onde estão inseridas, permitindo a elaboração de estratégias juntos a estas comunidades, as entidades públicas, privadas e o poder público, para manutenção dos ambientes naturais, garantindo que as atuais e futuras gerações tenham acessibilidade aos recursos ambientais com equidade ambiental e responsabilidade social.

Sem pretender qualquer classificação, esse equilíbrio dinâmico ocorreria na interface, dentre outras, de três lógicas de racionalidades percebidas e sustentadas nas redes de saberes e fazeres cotidianos: a racionalidade moral prática, a racionalidade estético expressiva e a racionalidade cognitivo instrumental. Essa apreensão não ignora suas complexidades e contradições, o que chama a atenção é a prevaência da racionalidade cognitivo instrumental que agravou a situação ambiental do planeta, disseminando a ideia de dominação da natureza e do seu uso para benefício da humanidade, conduzindo a uma excessiva exploração dos chamados “recursos naturais” (TRISTÃO, 2005).

Nessa perspectiva é fundamental conhecer como as comunidades percebem seu ambiente e manejam os recursos ambientais, pois pode permitir a identificação de indicadores ambientais dessas comunidades para a elaboração de estratégias visando à sustentabilidade.

De acordo com Diegues (2001) projetos de pesquisa que tratam da relação homem ambiente e do gerenciamento de ecossistemas devem incluir estudos de

investigação da percepção dos grupos sociais interagentes como parte integrante da abordagem interdisciplinar que estes projetos exigem.

É importante a realização de trabalhos que buscam indagar e fazer com que as pessoas percebam que pode ocorrer a prevalência de um sentido sobre os outros, podendo assim, sensibilizá-las, mostrando-as o quanto é relevante a integração e utilização dos órgãos dos sentidos na percepção do ambiente, proporcionando uma percepção global e integrada do homem com seu ambiente.

2.3. Povos, Comunidades Humanas e Ambientes

O Decreto nº 6.040/07, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, em seu artigo 3º, I, define, povos e comunidades tradicionais como os “grupos culturalmente diferenciados, que se reconhecem como tais, possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

De acordo com Nordi *et al.* (2001) a incorporação do “modo de olhar e agir” de algumas culturas tradicionais é importante considerando-se que, o significado prático do conhecimento tradicional possa ser traduzido em informação biológica, raciocínio ecológico e manejo de recursos.

Guerrero (2004) que expressa de maneira bastante clara a nossa busca na região estudada, quando afirma que “... se evidencia a importância de reconhecer, nos outros, a complexidade de seus conhecimentos e de suas experiências acumuladas... e que é a partir do reconhecimento do outro e o respeito por este outro que teremos êxito em tornar realidade uma ética ambiental.

As populações tradicionais que já habitam uma área há muitas gerações acumulam maior carga de experiências e conhecimentos sobre o ambiente que manejam. Estas experiências proporcionam a geração de um conhecimento ecológico tradicional (DIEGUES; ARRUDA, 2001).

Os projetos de conservação de recursos naturais (e também culturais) precisam considerar tanto os indivíduos, quanto os grupos sociais, culturais e até políticos a respeito das suas pretensões, ambições, decisões e ações, permitindo revelar as suas atitudes, preferências, valores e interesses com base nas

percepções e imagens que a mente humana é capaz de elaborar (AMORIM-FILHO, 1992).

Segundo Guarim Neto *et al.* (2008) muitas comunidades tradicionais possuem uma forte ética de conservação e práticas de manejo que são compatíveis com a proteção da diversidade biológica e essas comunidades precisam ter seus esforços apoiados. Isto, quando as práticas têm uma sustentabilidade ambiental.

A sociedade possui crenças, costumes e valores sentimentais e sociais que são variáveis nas diferentes comunidades e esses caracteres culturais são aprendidos e/ou desenvolvidos e transmitidos pelas (nas) gerações. Essas características e heranças culturais podem ser modificadas e/ou reconstruídas devido a cada indivíduo interpretar individual e diferentemente os valores passados pela família, escola, etc (RODRIGUES, 2003).

Algumas populações vêm ressignificando seus conhecimentos e identidades culturais, tendo seus conhecimentos e práticas tradicionais substituídos por outros. Rodrigues (2003) relata tal fato no Bairro do Lobo em relação aos processos fermentativos, onde as características e os conhecimentos não estão sendo repassados às novas gerações.

Cada morador tem um papel social na constituição da comunidade, e o entendimento de “suas práticas cotidianas” trás implícitos aspectos sociais e culturais, que podem ser estudados mais profundamente, para descrever os saberes etnobiológicos intrínsecos dessa população e os seus conhecimentos dos serviços ambientais.

Em consequência, essas populações locais que ainda podem manter algumas práticas tradicionais pode ser melhor conhecida se proporcionar a formulação de políticas necessárias para valorizar sua cultura, as transformações nos seus modos de vida e a biodiversidade do ambiente natural.

2.4. Os Recursos Vegetais

No território brasileiro, ha comunidades tradicionais e de pequenos agricultores que ocupam áreas de vegetação nativa, onde cultivam uma ampla diversidade de espécies e de variedades vegetais, numa agricultura de pequena escala, caracterizada pelo policultivo. A economia destas comunidades baseia se nos produtos oferecidos no pequeno comercio e do que é produzido para a

subsistência, o que permite que permaneçam em seu local de origem (PILLA; AMOROZO, 2009).

Essas comunidades humanas que vivem basicamente da utilização de recursos naturais locais e da prática da agricultura em pequena escala, necessitam da variabilidade genética das plantas, bem como contribuem para a manutenção dessa diversidade local e das práticas agrícolas tradicionais.

Para Pilla e Amorozo (2009) tanto esse conhecimento, quanto as espécies e variedades locais, devem ser preservados, pois são importantes para a manutenção da resiliência dos sistemas agrícolas de pequena escala, ajudando a estabilizar a produção e, minimizar os riscos, bem como a aproveitar os microambientes disponíveis com as variedades de culturas mais adequadas.

De acordo com Amorozo (2002) costuma-se reconhecer desde paisagens “intocadas” até aquelas completamente domesticadas. Da mesma forma, para espécies de plantas, ou mesmo populações dentro de cada espécie, há desde aquelas que não são exploradas de forma nenhuma, passando pelas que fornecem produtos diversos, explorados em graus variáveis, até aquelas cuja intensidade de manejo e seleção artificial levam à completa domesticação. Vale lembrar que muitos estudos etnobotânicos em áreas neo tropicais indicam que uma proporção considerável de espécies é utilizada para alguma finalidade por comunidades humanas locais.

A utilização dos recursos naturais circundantes por estas comunidades, no entanto, tem sido influenciada por transformações socioeconômicas e de uso da terra, que em muitos casos tem colocado limites à continuidade destes modos de vida (PILLA; AMOROZO, 2009).

Essa interferência humana na vegetação depende da intensidade de uso e manejo, podendo vir a causar graus variados de modificação tanto no que diz respeito à paisagem, quanto com relação a populações de espécies individuais.

As práticas agrícolas atuais tem estimulado o predomínio do cultivo de monocultura em grande escala, o que não tem contribuindo para o aumento e manutenção da variabilidade genético dos recursos vegetais.

Desta forma, existe a necessidade de se desenvolver trabalhos que levantem as potencialidades dos recursos vegetais locais, caracterizando os e sugerindo maneiras que ampliem a produtividade deste recurso de uma forma sustentável. Nessa perspectiva, a etnobotânica torne se fundamental auxiliando na identificação

desses usos, indicando as maneiras com as quais determinadas populações fazem o manejo da vegetação.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. Área de Estudo

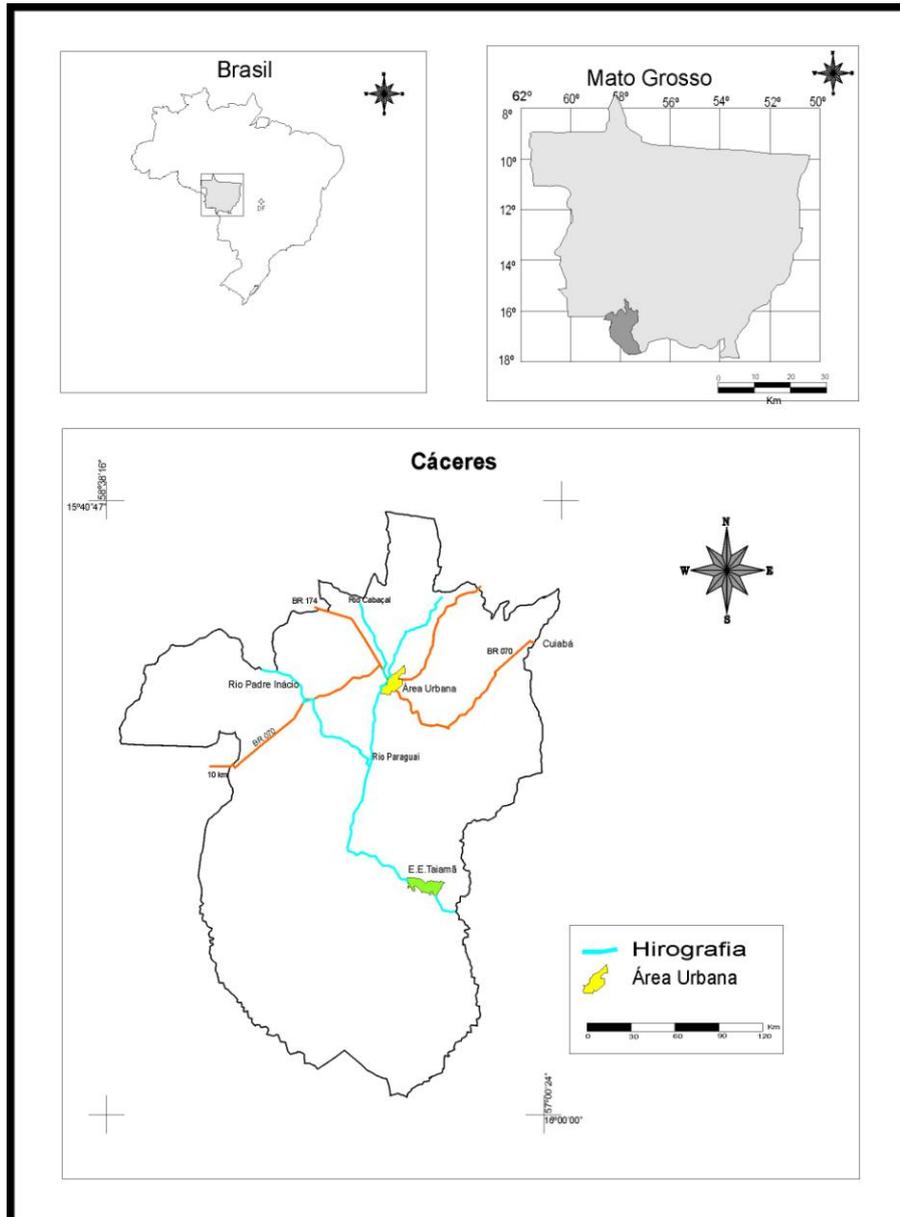
3.1.1. Breve Caracterização da cidade de Cáceres

O município de Cáceres está situado na Região Centro Oeste, a Sudoeste do Estado de Mato Grosso, à margem esquerda do Rio Paraguai e próximo às Rodovias BR-070, BR-174, BR-364 e MT-343. Está localizado em uma região que abrange os Biomas Pantanal, Floresta Amazônica e Cerrado.

De acordo com Ferreira (2001), o município de Cáceres (Figura 1) está geograficamente situado na mesorregião Centro Sul mato grossense e Microrregião Alto Pantanal, com altitude de 118 metros do nível do mar, entre as coordenadas 16°13'42" de latitude sul e a 57°40'51" longitude oeste Gr, a 209,70 km de Cuiabá, Capital do Estado de Mato Grosso.

Sua extensão territorial é de 24.351 km², sua população é de 87.942, sendo 44.098 homens e 43.844 mulheres, apresentando um total de 71.602 habitantes alfabetizados (IBGE, 2010).

Figura 1. Localização da cidade de Cáceres (Fonte: Santos, S. 2012).



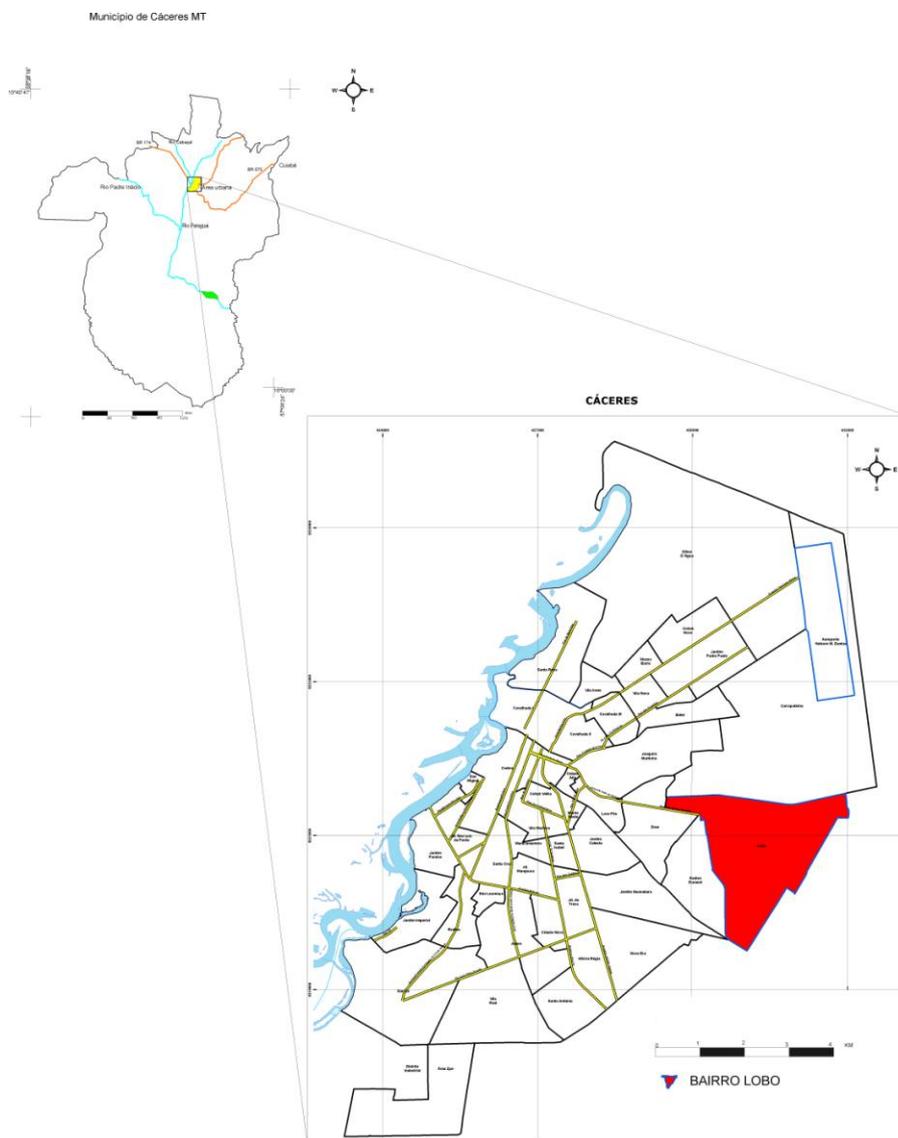
Segundo Ferreira (2001), os limites municipais são ao Norte: Glória D'Oeste, Mirassol D'Oeste, Curvelândia, Lambari D'Oeste e Porto Estrela, ao Sul: Poconé, República da Bolívia e Corumbá, à Leste: Poconé e à Oeste: República da Bolívia e Porto Esperidião.

As principais atividades econômicas são agricultura de diversas culturas, comércio, pecuária e turismo. A pecuária é atividade extremamente importante no município, tendo um dos maiores rebanhos da região. Devido às potencialidades da pesca e belezas cênicas do Rio Paraguai o turismo vem crescendo, contribuindo com o comércio, setor hoteleiro e barcos hotéis presentes na cidade Cáceres.

3.1.2. Caracterização da Comunidade do Lobo

Oficialmente, a comunidade do Lobo é um bairro que foi criado pela Lei 1.411 de 08 de outubro de 1.997, que dispõe sobre a Criação e Delimitação dos Bairros situados no Perímetro Urbano do Município de Cáceres. O mesmo está situado no perímetro urbano, próximo a Cidade Universitária da UNEMAT (no antigo Aeroporto Manoel F. F. Cuiabano), e constitui-se por Chácaras e Casas do Aglomerado Urbano (Figura 2).

Figura 2. Localização da Comunidade do Lobo em Cáceres. (Fonte: Santos, S. 2012).



Conforme a referida Lei, a delimitação da Comunidade tem como ponto referencial, inicial e final, como segue: Rua dos Aviadores com a Rodovia MT-343

até a Via Perimetral (Jony de Oliveira Fontes), continua por esta até encontrar com a Via dos Bandeirantes, prossegue por esta até a cerca do Aeroporto Manoel F. F. Cuiabano, permanece por esta até a Av. Santos Dumont, avança por esta até a Rua dos Aviadores, progride por esta até a Rodovia MT-343.

Segundo Rodrigues (2003), a Comunidade do Lobo (Figura 2) é constituída por chácaras e casas formando um aglomerado urbano na periferia da Cidade de Cáceres-MT, Brasil. Conforme o autor, a comunidade do Lobo em 2003, era composta por aproximadamente 63 famílias, sendo que os moradores das chácaras reconheciam essa região como Lobo e os moradores do aglomerado urbano conheciam essa parte do bairro como Bairro Boa Esperança.

3.1.3. Comunidade do Lobo: Desvelando seu Povo e sua Identidade

3.1.3.1. Aspectos Sócio Culturais da Comunidade

Considerando os aspectos social e cultural da comunidade, com base nos dados obtidos, pode-se verificar parte da história da comunidade, seu início e suas características atuais, a relação social entre os moradores e deles com seu meio ambiente, como revelam trechos dos depoimentos abaixo:

- aqui é Lobo do Bom Jardim, moro aqui desde quando nasci, esse nome era de toda a região das chácaras até o pé da montanha, desde Zé Pequeno (primeira chacara), meu avô, meu pai e meu tio que era dono de tudo aqui. Meu irmão mais velho que eu dois anos nasceu quando meu pai ainda morava na beira do Rio Cabaçal, e depois eles por lá moraram um certo tempo, e compraram aqui e mudaram para cá, aí passou um tempo e eu nasci. Quando eu era rapagote, mais ou menos uns 10 anos, eles começaram a dividir e vender e os vizinhos começou a aumentar (homem, 71 anos).

- nós fazia e vendia farinha para a cidade toda e também para outros municípios, mas hoje ninguém mais faz farinha. Alguns também fazia feira, vendia farinha e outros produtos, como banana, mandioca, galinha, ovos, tamarindo, e outras coisas (homem, 71 anos).

- aqui tem a igreja católica, tem culto todo domingo e no último domingo do mês é a missa celebrada por um padre da Paróquia São

Luiz... tem a igreja evangélica da Assembleia de Deus, lá tem o Centro de Recuperação para viciados em drogas... (mulheres, 71 e 64 anos).

- eu nunca tive filho no hospital, eu era parteira, benzedeira, trabalhava na roça. Pra benze usa folha de mamão ou de mandioca porque murchava logo (mulher, 91 anos).

- antigamente a gente se reunia todo final de tarde para brincar e jogar bola, era tão gostoso (mulher, 44 anos).

- nois se reúne todo fim de tarde pra jogar bola, é bom, gostoso, joga vôlei, futebol, rouba bandeira, e outras coisa (homem, 15 anos).

- gosto daqui, aqui eu gosto de criar galinha, porco e vaca, na cidade não posso ter, e aqui posso criar (homem, 71 anos).

- eu utilizo fezes de vaca, cavalo e de galinha, para aduba as plantas (mulher, 54 anos).

- eu fazia sabão de gordura de porco e gordura de pelanca de boi que frita para dar para os cachorros. Mas hoje so mia fia que faz, to muito veia, cansada, num faço mais não. Uso pra lava vasilha, roupa, acho desajeitado lava vasilha com sabão comprado. Nois faiz dura de dois a três meses ai faz de novo (mulher, 71 anos).

- antes aqui tinha ônibus, há uns 18 anos atrás tinha ônibus quinta-feira e domingo, e levava os farinheiros para fazer feira (mulher, 64 anos).

- faço massa de pastel e canudinho de massa, pão de chocolate, faço sabão de álcool, eu compro o sebo de boi, álcool e soda, uso também óleo de fritura, pelanca, faço uma vez por mês para usa e vende. Costuro para complementar a aposentadoria (mulher, 64 anos).

- eu faço doces para consumo e vende, doce de caju e figo, de leite, mamão, limão e goiaba, faço também queijo (mulher, 66 anos).

- eu faço artesanato de madeira e vendo muito. Também costuro, faço tapete, colcha (mulher, 47 anos).

- gosto daqui, num tenho vontade de mudar, aqui é sussegado, bonita, um paraíso, os vizinhos bão, num te briga, num tem bandidagem (mulher, 64 anos).

Ao observar os depoimentos dos entrevistados permite-se o estabelecimento de alguns elementos importantes da cultura dessa comunidade, saberes e modo de vida, bem como a maneira que eles reconhecem seu ambiente.

A comunidade do Lobo entende que existe uma diferenciação da região de chácaras, por eles conhecida como Lobo do Bom Jardim e a região de casas do aglomerado urbano da periferia da cidade, conhecida por eles de Boa Esperança, como já havia sido descrito por Rodrigues (2003).

Para os moradores, a região das chácaras é conhecida como Lobo do Bom Jardim desde quando eles se mudaram para a comunidade.

Sobre a criação da comunidade, ancorado em depoimentos dos entrevistados, o proprietário dessa área era o senhor Jeneroso Alves de Abreu, que juntamente com seu filho e genro, na década de 1940, mudaram-se para região e foram vivendo com suas famílias. Por volta da década de 1950, os mesmos começam a dividir a área e vender.

Atualmente, a comunidade possui uma igreja católica com culto aos domingos, sendo que no último domingo do mês a missa é celebrada por um padre da Paróquia São Luiz – Catedral São Luiz.

Também possui a igreja evangélica Assembleia de Deus, onde existe um Centro de Recuperação para dependentes químicos, através da palavra de Deus. O Centro possui um ano de funcionamento e os recuperandos trabalham no cultivo e manutenção de horta, a fim de produzirem verduras que são vendidas para comércios da cidade e aos moradores que se interessarem.

Nesse prédio da igreja evangélica funcionava a Escola Municipal Lobo do Bom Jardim, que atendia as crianças da comunidade, mas a mesma foi fechada em 2001 por falta de alunos, devido a pouca quantidade de crianças na comunidade.

A comunidade atualmente não possui associação de moradores ou presidente de bairro, mas na década de 1980 existia presidente de bairro.

Ocorreu um período na década de 1990 que tinha linha de ônibus nas quarta feiras e domingos, para transporta os moradores até a cidade para fins diversos e também com finalidade de comercializar farinha e produtos, como frutos na feira de Cáceres.

Os dados revelam que na comunidade existiam vários farinheiros, que produziam farinha para comercialização e também feirantes, que vendiam itens e frutos cultivados nas suas chácaras. Vários dos moradores plantavam roças, de

milho, cana de açúcar, feijão, arroz, etc. Mas ao longo dos anos essas práticas foram deixando de serem realizadas.

Além da farinha de mandioca, a agricultura familiar produzia também arroz, feijão, milho e alguns tipos de legumes. Havia o cultivo para manter o sustento para a família, cultivavam áreas suficientes para colherem alimentos que abastecesse a família até aguardar o novo período de cultivo e colheita.

Outro aspecto importante é a presença de parteira e benzedadeiras na comunidade. A moradora mais idosa do bairro relatou que nunca teve filho em hospital e que era a parteira da região, efetuando muitos partos, tantos que nem se lembra a quantidade. A mesma senhora que atuava como parteira também é benzedeira e na comunidade também existe outra benzedeira.

A comunidade ainda apresenta algumas práticas tradicionais, como fabricação de sabão caseiro para o uso doméstico, a partir de gordura de porco e gordura extraída de pelanca de boi que fritam para dar para os cachorros. As crianças e adolescentes reúnem-se ao final da tarde em uma das residências para jogarem bola e conversar.

Também existem atividades rurais, como criação de gado, porcos, galinhas e visitas aos vizinhos de vez em quando aos finais de tarde. Utilização de fezes de gado e de galinha, como adubo orgânico nas plantas e nas hortas.

A comunidade tem em seu modo de vida práticas tradicionais. O desenvolvimento das várias atividades só é possível com a divisão do trabalho entre os membros da família.

Alguns dos moradores utilizam frutos na produção de doces para consumo e comercialização, como doce de leite, doce de leite com leite condensado, doce de leite com leite em pó, doce de leite com leite condensado e leite em pó, doce de leite com leite condensado e leite em pó, doce de leite com leite condensado e leite em pó, etc. Também fazem doce de leite e queijo para consumo e venda.

Ao utilizar as concepções antropológicas de Geertz (1989) sobre as relações sociais e culturais, observa-se uma crítica à compreensão da realidade por meio do conceito de cultura, pois é nela que estão estabelecidas as teias de significados que darão origem ao que se chama de realidade social.

Nesse caso, a sociedade é como um texto, para ser lido e interpretado e como aponta Geertz (1989) "...que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado".

No processo de construção de saberes e aprendizagem deve-se compreender e respeitar os aspectos sócio culturais da comunidade, assim será minimizado os impactos sobre os hábitos cotidianos e as tradições.

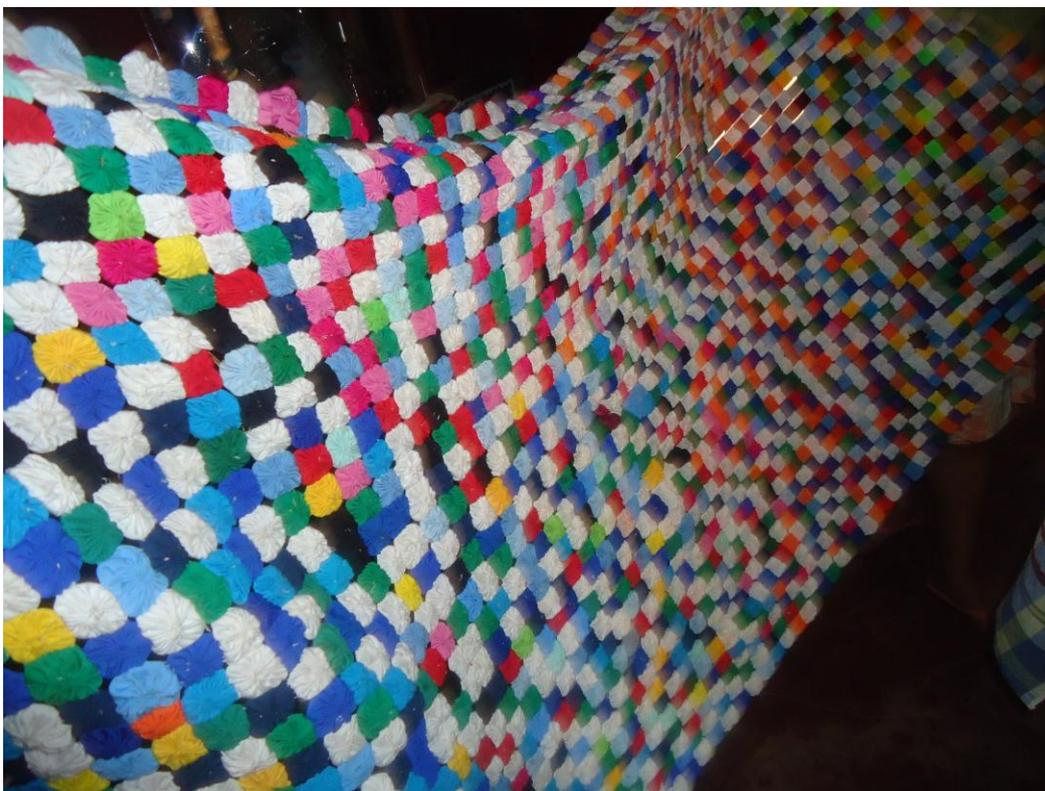
As comunidades humanas vêm atravessando um período de complexidade, onde as necessidades diárias das famílias e seu modo de vida têm o contraste com o desenvolvimento econômico e industrial com o ambiental, levando a sobreposição das atividades das comunidades de uso e manejo dos recursos do ambiente. Se caracterizando como a influência cultural da industrialização sobre a cultura e práticas tradicionais.

Com o progresso a comunidade passa por momentos de ajustamento social e cultural, diversificando os itens e métodos de fabricação, como exemplo massa de pastel, canudinho de massa, pão de chocolate, sabão de álcool e soda, artesanato a partir de caules parasitados por erva de passarinho (Figura 3), atividade de costura e fabricação de tapetes e colchas (Figura 4).

Figura 3. Vista de Artesanatos fabricados de caule parasitado (Fonte: Rodrigues, G. L., 2011).



Figura 4. Colcha artesanal confeccionada por entrevistada (Fonte: Rodrigues, G. L., 2011).



Em uma das chácaras existem duas represas na frente da casa, dentro da propriedade, que possuem ligação com o córrego e os moradores criam peixes para consumo.

Uma situação peculiar é que três famílias não moram em terras próprias, uma mora há vários anos na chácara que é de propriedade do pai e outra na do patrão, e outra família que mudou recentemente para a comunidade, na propriedade de um amigo.

As residências da comunidade não são contempladas com água encanada da rede de abastecimento de água tratada da cidade. Possuem poço para ter água para o consumo diário e de acordo com os moradores, a água do poço é incolor, inodora e insípida, características próprias de água potável.

As moradias também não possuem sistema de coleta de lixo, os resíduos são destinados em buracos cavados em algum ponto da propriedade, como se fosse uma composteira ou até mesmo embalado e colocado nas lixeiras do Boa Esperança.

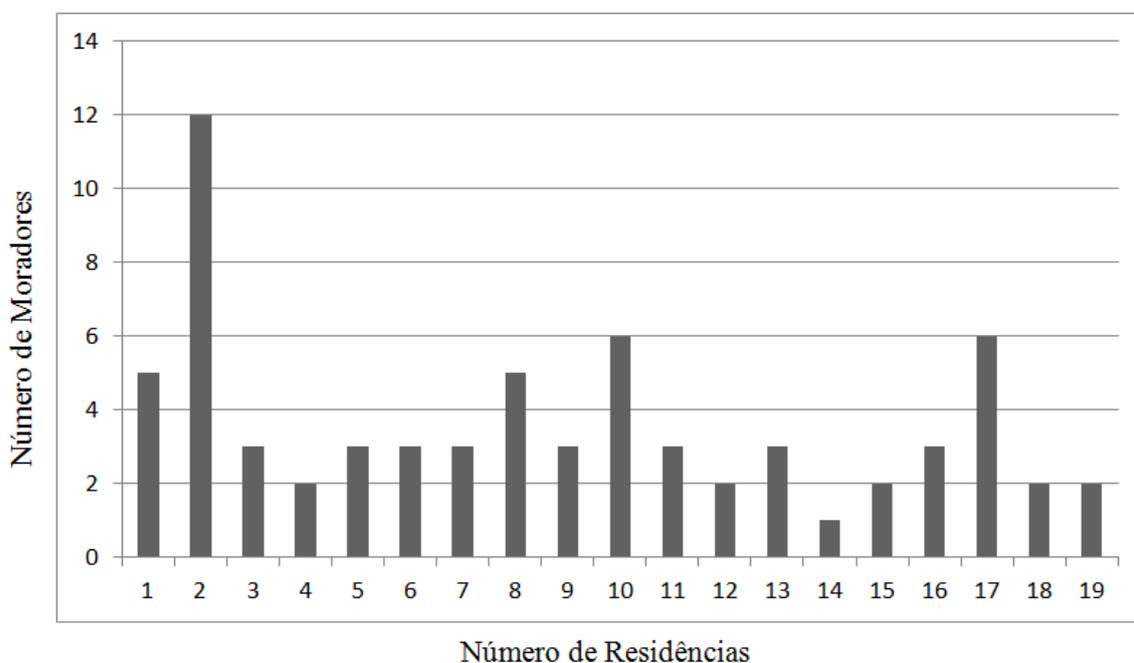
Os entrevistados de todas as residências expressaram que gostam de morar na comunidade e que não têm vontade de mudar, expressaram alguns adjetivos e falas, dizendo que a comunidade é calma, sossegada, tranquila, bonita, um paraíso, os vizinhos são bons, não tem brigas e nem bandidagem, etc. Nota-se na fala dos entrevistados uma paixão pela comunidade e pelo ambiente em que vivem, na comunidade as famílias reúnem-se para conversar e desenvolver atividades em grupos.

Nessa perspectiva, os moradores da Comunidade do Lobo, é um laboratório, cheio de experiências, vivências e conhecimentos acumulados ao longo de anos e gerações, que precisam ser desvelados, percebidos e descritos, para que outras gerações e comunidades possam ter o privilégio de compreendê-los.

3.1.3.2. Revelando a Identidade dos Membros da Comunidade

Foram entrevistados 33 moradores de 19 residências. As residências apresentaram variações quanto ao número de moradores (Figura 5).

Figura 5. Distribuição dos Moradores em cada Residência



Observa-se que duas residências se diferenciaram em relação as demais, porque a representada pelo número 2 apresentou o maior número, sendo 12

moradores e a representada pelo número 14 é a que apresentou menos residentes, apenas uma moradora.

Aspectos relacionados com a abordagem acima expressa podem ser observados em Guarim (2000), Marin (2003), Pasa (2004) e Novais (2008), que consideram características diretamente relacionadas com as respectivas áreas estudadas.

A Tabela 1, apresenta a idade dos entrevistados, com a distribuição por faixa etária.

Tabela 1. Idade dos Entrevistados da Comunidade do Lobo

Faixa Etária	Número de Entrevistados
15 --- 25	4
25 --- 35	1
35 --- 45	5
45 --- 55	6
55 --- 65	5
65 --- 75	6
75 --- 85	5
85 --- 95	1
Total	33

Pode-se observar que existe um equilíbrio na quantidade de entrevistados entre as cinco faixas etárias de 35 a 85 anos. A soma das quatro faixas etárias, de 55 a 95 anos, apresentou 17 moradores, isso corrobora o que foi dito pela maioria dos entrevistados, que uma boa parte dos moradores da comunidade são aposentados.

O gênero dos entrevistados está evidenciado na Tabela 2.

Tabela 2. Gênero dos Entrevistados da Comunidade do Lobo

Gênero	Número de Entrevistados
Masculino	15
Feminino	18
Total	33

Observando a tabela nota-se que existe um equilíbrio no gênero dos entrevistados.

Na Tabela 3, observa-se o tempo de moradia dos entrevistados na Comunidade.

Tabela 3. Tempo de Moradia dos Entrevistados na Comunidade do Lobo

Tempo de Moradia no Lobo	Número de Entrevistados
Menos de 05	3
05 --- 10	1
10 --- 15	4
15 --- 20	7
20 --- 25	0
Mais de 25	18
Total	33

Quando se analisa o tempo de moradia dos entrevistados na Comunidade, pode-se notar que 18 entrevistados residem na comunidade há mais de 25 anos e 7 moradores de 15 a 20 anos. Isso pode indicar que os moradores conhecem bem as características do ambiente onde residem.

Ocorreram dois casos interessantes de entrevistados que estavam morando na comunidade há um dia e outro 15 dias. Isso contrasta com a maioria dos entrevistados que nasceram e cresceram na comunidade e outros que se mudaram quando ainda estavam na adolescência.

O tempo de moradia na Cidade de Cáceres, esta apresentado na Tabela 4.

Tabela 4. Tempo de Moradia dos Entrevistados na Cidade de Cáceres

Tempo de Moradia em Cáceres	Número de Entrevistados
Menos de 05	0
05 --- 10	0
10 --- 15	1
15 --- 20	6
20 --- 25	3
Mais de 25	23
Total	33

Na análise desta tabela observa-se que 23 moradores residem em Cáceres a mais de 25 anos, demonstrando que a maioria conhece bem as características e os aspectos culturais da região.

Na Tabela 5, observa-se a ascendência dos entrevistados da Comunidade.

Tabela 5. Ascendência dos Entrevistados

Pai e Mãe	Número de Entrevistados
Cacerenses	14
Poconeanos	3
Cacerense + outro Estado	3

Outros Estados	13
Total	33

Ao analisar a tabela, observa-se que 17 residentes possuem pais mato grossenses, sendo 14 cacerenses.

A Tabela 6, apresenta a ocupação/profissão dos entrevistados.

Tabela 6. Ocupação/Profissão dos Entrevistados da Comunidade do Lobo

Ocupação/Profissão	Número de Entrevistados
Aposentados	17
Trabalhadoras do Lar	4
Trabalhadores Assalariados	5
Trabalhadores Temporários	2
Proprietários de Lanchonete (Bar)	2
Estudantes	3
Total	33

Na análise desta tabela observa-se a distribuição da ocupação dos entrevistados, vale ressaltar os 17 aposentados que somados às 4 senhoras do lar, ilustrando que atualmente 21 dos entrevistados possuem como principal atividade os afazeres domésticos, o cultivo dos recursos vegetais no quintal e trato diário com as criações.

Os entrevistados em geral são aposentados, mas existem alguns que trabalham na cidade (assalariados, pedreiro, prestadores de serviço, professores) e comerciantes (proprietários de bar).

3.2. Protocolo da Coleta de Dados

Esta pesquisa foi aprovada mediante o Parecer nº 035/2011 – CEP/UNEMAT (Anexo 1), Comitê de Ética em Pesquisa da UNEMAT, datado de 25 de abril de 2011.

As entrevistas realizadas foram fundamentadas nos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa referenciada em Ludke e André (2007), onde relatam que estudos com essa abordagem há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas.

Para a coleta de dados foram utilizadas observações participantes e ainda entrevistas semi estruturadas, observando-se como abordar os moradores ao realizar os questionamentos, de forma a não interferir nas suas percepções ambientais, com abordagem fenomenológica e estando centralizada nas impressões, sentidos e significados dos moradores.

As entrevistas ocorreram no período entre os dias 26/04/2011 a 15/11/2011 (Figuras 6 e 7), tendo o roteiro semi estruturado aberto como eixo norteador dos questionamentos (Anexo 2), com coleta dos dados, realizando anotações, utilizando MP3 para gravar as entrevistas e máquina Sony 10.1 Megapixels, nos registros fotográficos (Anexo 4), com o consentimento dos entrevistados.

Para realização da coleta de dados, ao abordar os moradores, o entrevistador identificou-se e apresentou a proposta de sua pesquisa na comunidade sobre o cotidiano e modo dos moradores e suas famílias.

Figura 6. Pesquisador e moradores entrevistados (Fonte: Santana, A. L., 2011).



Figura 7. Moradores entrevistados na Comunidade do Lobo (Fonte: Santana, A. L., 2011).



É importante enfatizar que o pesquisador já tinha um contato prévio com alguns dos moradores devido uma pesquisa de trabalho monográfico realizada nos anos de 2001 e 2002, isso contribuiu para o conhecimento inicial com os residentes na comunidade.

Portanto, foram realizadas visitas nas residências alguns dias antes do início das entrevistas, para restabelecer o contato com os moradores da comunidade, visitando algumas residências e explicando a intenção da pesquisa proposta.

Inicialmente a intenção era entrevistar em cada residência o morador mais idoso e o mais jovem, respeitando a idade de 15 anos, isso com intuito de verificar a transmissão dos conhecimentos culturais entre as gerações.

Entretanto, com as visitas em *loco*, optou-se em realizar as entrevistas com os progenitores (pai e mãe) da família e com outro morador (filho ou outro vínculo familiar) na residência que tivesse a menor idade, acima de 15 anos.

Nas residências em que os prováveis entrevistados não foram encontrados no primeiro dia de entrevista, ocorreram duas novas visitas com intuito de encontrá-lo, persistindo a ausência, tal entrevistado foi desconsiderado no universo da pesquisa.

Em quatro chácaras ocorreram à presença de mais de uma casa, sendo de membros da própria família (como filho e irmão) e em todas as situações as casas eram independentes umas das outras. Devido serem individualizadas foram consideradas como outra família a ser entrevistada.

No roteiro semi estruturado constaram questões que possibilitaram o levantamento de informações dos residentes, da comunidade e o olhar do entrevistado sobre alguns aspectos do ambiente e do seu dia a dia.

Nos depoimentos, teve-se o cuidado de manter a linguagem utilizada pelos entrevistados nas citações e descrições dos questionamentos, sendo anotadas em caderno de campo constituindo-se como registro e também as entrevistas gravadas.

Desta forma, atendeu-se o exposto por Bogdan e Biklen (1994), que afirmam que os investigadores qualitativos devem se interessar mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.

A pesquisa foi fundamentada nos pressupostos da percepção ambiental de Tuan (1980), onde estabelece que são variadas as maneiras de como as pessoas percebem e avaliam as situações. Dessa forma, sendo possível considerar as diferentes interpretações e descrições dos atores na percepção do ambiente.

Ancorando também em Oliveira (1996) que explica a construção do espaço, as percepções e as interpretações dos indivíduos. Subsidiada nos indicativos da percepção ambiental de Oliveira (1998) onde se observa a contextualização do olhar, do ouvir e do escrever, sobre a apreensão dos fenômenos sociais, questionando-as como algo merecedor de nossa reflexão no exercício da pesquisa e da produção de conhecimento.

Tendo ainda como aporte teórico Merleau-Ponty (1999) e Marin (2003) que tratam de forma diferenciada a percepção ambiental e os valores topofílicos inerentes aos seres humanos.

Para a categorização da percepção ambiental dos informantes foi utilizada como base a tipologia proposta por Sauv  (2005), que cont m as categorias descritas na Tabela 7.

Tabela 7 - A tipologia das Relações Ambientais propostas por Sauv  (2005).

Meio Ambiente	Rela�o
Natureza	Para apreciar, para respeitar, para preservar
Recurso	Para gerir, para repartir
Problema	Para prevenir, para resolver
Sistema	Para compreender, para decidir melhor
Lugar em que se vive	Para conhecer, para aprimorar, os aspectos históricos, sociais e tecnológicos;
Biosfera	Onde viver junto e a longo prazo, ser preservado e cuidado
Projeto comunitário	Em que se empenhar ativamente, com foco de análise crítica, participa�o política e social, transforma�o comunitária

Os dados após coletados foram organizados, sistematizados, analisados e descritos. Na sistematiza o foram realizadas algumas categoriza es, como nas variáveis de idade, que foram agrupadas em faixa etária de 10 em 10 anos. Também ocorreu a categoriza o em sexo, tempo de residência em Cáceres e na Comunidade, Plantas Utilizadas e suas potencialidades, etc.

O levantamento bibliográfico ocorreu desde a elabora o do projeto até a parte final de análise, descri o e sistematiza o dos dados coletados, buscando conhecimentos para subsidiar tal estudo.

4. O SABER NA COMUNIDADE DO LOBO EM RELA O AOS RECURSOS VEGETAIS

4.1. As Plantas Cultivadas pela Comunidade do Lobo

As plantas fazem parte do uso e manejo diário da comunidade. Muitas plantas foram mencionados pelos entrevistados, sendo cultivadas e utilizadas para vários fins, conforme demonstrado na Tabela 8.

Tabela 8. Relação das plantas catalogadas nas residências e suas finalidades. Or = ornamental, Me = medicinal, Al = alimentação, Ma = madeireira, Mi = mística, So = sombra, n. i. = não identificada.

Nome Popular	Nome Científico	Família	Finalidade
Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	Al, So
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L) Merrill	Bromeliaceae	Al
Abóbora	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Cucurbitaceae	Al
Absinto/Losna	<i>Artemisia</i> <i>absinthium</i> L.	Asteraceae	Me
Açafrão	<i>Crocus sativus</i> L.	Zingiberaceae	Al, Me
Acerola	<i>Malpighia glabra</i> L.	Malpighiaceae	Al
Alfavaca	<i>Ocimum</i> sp.	Lamiaceae	Al
Alfinetinho	<i>Asparagus</i> <i>densiflorus</i> Sprengeri	Asparagaceae	Or
Babosa	<i>Aloe vera</i> L.	Liliaceae	Me, Or
Amora	<i>Morus nigra</i> L.	Moraceae	Al, Me
Anador	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Acanthaceae	Me
Antulho/Antúrio	<i>Anthurium</i> sp.	Araceae	Or
Araçá-boi	<i>Eugenia stipitala</i> Mc Vaugh	Myrtaceae	Al
Arroz	<i>Oryza sativa</i> L.	Poaceae	Al
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Me, Al
Ata do Mato	<i>Annona</i> sp.	Annonaceae	Al
Ata/Pinha	<i>Annona reticulata</i> L.	Annonaceae	Al
Avenca	<i>Adiantum</i> <i>capillus-veneris</i> L.	Polypodiaceae	Or
Babaçu	<i>Orbignya oleifera</i> Burret	Arecaceae	Al
Bacuri	<i>Platonia insignis</i> Mart.	Clusiaceae	Al
Bambu	<i>Bambusa vulgaris</i> L.	Poaceae	Or
Banana	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Musaceae	Al
Banana de Fritar	<i>Musa paradisiaca</i>	Musaceae	Al

Banana Nanica	L. <i>Musa paradisiaca</i>	Musaceae	Al
Batata Doce	L. <i>Ipomoea batatas</i> Lam.	Convolvulaceae	Al
Begônia	<i>Begonia</i> sp.	Begoniaceae	Or
Berinjela Branca	<i>Solanum</i> <i>melongena</i> L.	Solanaceae	Al
Boa Noite	<i>Ipomoea alba</i> L.	Convolvulaceae	Or
Bocaiuva	<i>Acrocomia</i> <i>aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Arecaceae	Al
Bogarim	<i>Stephanotis</i> <i>floribunda</i> Brongn.	Asclepiadaceae	Or
Boldo	<i>Plectranthus</i> <i>barbatus</i> Benth.	Lamiaceae	Me
Brilhantina	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Urticaceae	Or
Brinco de Princesa	<i>Fuchsia regia</i> (Vand.) Munz.	Onagraceae	Or
Cacau	<i>Theobroma cacao</i> L.	Sterculiaceae	Al
Cacto	<i>Astrophytum</i> sp.	Cactaceae	Or
Café	<i>Coffea arábica</i> L.	Rubiaceae	Al
Caferana	<i>Vernonia</i> <i>polianthes</i> L.	Asteraceae	Me
Caju	<i>Anacardium</i> <i>occidentale</i> L.	Anacardiaceae	Al, So
Cajuzinho	<i>Anacardium</i> <i>humile</i> A. St.-Hil.	Anacardiaceae	Al
Cana	<i>Saccharum</i> <i>officinarum</i> L.	Poaceae	Al
Capim Cidreira/ Capim Santo	<i>Cymbopogon</i> <i>citratu</i> s L.	Poaceae	Al, Me
Capim Eucalipto	<i>Cymbopogon</i> sp.	Poaceae	Or, Mi
Caqui	<i>Diodpyrosn kaki</i> L.	Ebenaceae	Al
Carambola	<i>Averrhoa</i> <i>carambola</i> L.	Oxalidaceae	Al
Carqueja	<i>Baccharis</i> <i>genistelloides</i> Person	Asteraceae	Me
Cebolinha	<i>Allium cepa</i> L.	Liliaceae	Al
Ciriguela	<i>Spondias</i>	Anacardiaceae	Al, So

Citronela	<i>purpurea</i> L. <i>Cymbopogon</i> <i>nardus</i> (L.) Rendle.	Poaceae	Me
Côco	<i>Cocos nucifera</i> L.	Arecaceae	Al
Côco de Dende	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq	Arecaceae	Al
Coentro	<i>Coriandrum</i> <i>sativum</i> L.	Apiaceae	Al
Comigo Ninguém Pode	<i>Dieffenbachia</i> <i>picta</i> Schott	Araceae	Or, Mi
Couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	Brassicaceae	Al
Cravo	<i>Syzygium</i> <i>aromaticum</i> L.	Myrtaceae	Al
Dália/Dalia	<i>Dahlia pinnata</i> Cav.	Asteraceae	Or
Dr. Gravete	n. i.	n. i.	Me
Erva Cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) Blume	Verbenaceae	Me, Al
Erva de Santa Maria ou Mentrus	<i>Chenopodium</i> <i>ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	Me
Espada de São Jorge	<i>Sansevieria</i> <i>zeylanica</i> Willd.	Liliaceae	Or, Mi
Eucalipto	<i>Eucalyptus</i> <i>globulus</i> Labill.	Myrtaceae	Me, Ma
Feijão	<i>Phaseolus</i> <i>vulgaris</i> L.	Fabaceae	Al
Feijão Andu	<i>Cajanus cajan</i> L.	Fabaceae	Al
Feijão Catador	<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Fabaceae	Al
Figo	<i>Ficus carica</i> L.	Moraceae	Al
Fruta Banana	<i>Ecclinusa</i> <i>ramiflora</i> Mart.	Sapotaceae	Al
Fumo	<i>Nicotiana</i> <i>tabacum</i> L.	Solanaceae	Mi
Guariroba	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Arecaceae	Al
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Al
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae	Al
Guaco/Guapo	<i>Mikania glomerata</i>	Asteraceae	Me

Guiné	Spreng. <i>Petiveria alliacea</i>	Phytoloccaceae	Me, Mi
Hortelã/Hortelanzinho	Rosc. <i>Mentha</i> sp.	Lamiaceae	Al, Me
Hortelã Pimenta	<i>Mentha piperita</i> L.	Lamiaceae	Al, Me
Hortênsia	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Trumb.) Ser.	Saxifragaceae	Or
Ingá	<i>Inga edulis</i> Mart.	Mimosaceae	Al, So
Jabuticaba	<i>Myrciaria cauliflora</i> L.	Myrtaceae	Al
Jaca	<i>Artocarpus integrifolia</i> L.	Moraceae	Al, So
Jasmim	<i>Jasminum officinale</i> L.	Oleaceae	Or
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Caesalpiniaceae	Ma
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	Al
Jurema	<i>Polyscias guilfoylei</i> (L.) Harms	Araliaceae	Or, Mi
Lágrima de Cristo	<i>Clerodendrum thomsonae</i> Balf.	Verbenaceae	Or
Laranja	<i>Citrus aurantium</i> L.	Rutaceae	Al
Laranja Misteriosa	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Al
Laranja Morgoate	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Al
Levante	<i>Mentha spiculata</i> L.	Lamiaceae	Me
Lírio Branco	<i>Lilium candidum</i> L.	Liliaceae	Or
Lima	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Al, Me
Limão	<i>Citrus limonum</i> Risso	Rutaceae	Al, Me
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	Al
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Euphorbiaceae	Al
Manduvi	<i>Sterculia striata</i> A. St.-Hil. et Naud	Sterculiaceae	Or
Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Al, So

Manjeriçã	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Al, Me
Manjerona	<i>Origanum</i> <i>majorana</i> L.	Lamiaceae	Al, Me
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Passifloraceae	Al
Maravilha	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Nyctaginaceae	Or
Margarida	<i>Chrysanthemum</i> <i>leucanthemum</i> L.	Asteraceae	Or
Malvão/Marva	<i>Malva parviflora</i> L.	Malvaceae	Me
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	Cucurbitaceae	Al
Mexerica	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Al
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	Al
Mogno	<i>Swietenia</i> <i>macrophylla</i> King	Meliaceae	Ma
Murteira/Murta	<i>Murraya</i> <i>paniculata</i> (L.) Jack.	Myrtaceae	Or
Norvone/Nos vomica	n. i.	n. i.	Me
Onze Horas	<i>Portulaca</i> <i>grandiflora</i> Hook.	Portulacaceae	Or
Orquídea	<i>Cattleya</i> sp.	Orchidaceae	Or
Orquídea de Flor Lilás	<i>Cattleya</i> sp.	Orchidaceae	Or
Palma de Cristo/Palma	<i>Opuntia</i> sp.	Cactaceae	Or
Pamoram	n. i.	n. i.	??
Papoula Amarela/Papoula Vermelha	<i>Hibiscus rosa-</i> <i>sinensis</i> L.	Malvaceae	Or
Pau de Balsa	<i>Ochroma</i> <i>pyramidale</i> (Cav. ex Lam.) Urb.	Bombacaceae	Ma
Pimenta	<i>Capsium</i> sp.	Solanaceae	Al
Pimenta de Cheiro	<i>Capsicum</i> <i>odoriferum</i> L.	Solanaceae	Al
Pimentão	<i>Capsicum</i> <i>annuum</i> L.	Solanaceae	Al
Pinha do Conde	<i>Annona</i> <i>squamosa</i> L.	Annonaceae	Al
Pinheiro	<i>Araucaria</i>	Araucariaceae	Or

	<i>angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze		
Pinho	<i>Pinus</i> sp.	Pinaceae	Ma
Pinho Cuiabano	<i>Schizolobium</i> <i>amazonicum</i> (Huber) Ducke	Caesalpiniaceae	Or
Piqui	<i>Caryocar</i> <i>brasiliense</i> Cambess	Caryocaraceae	Al, So
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	Al
Pitomba	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Sapindaceae	Al
Piúva	<i>Tabebuia</i> <i>heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Bignoniaceae	So
Poncã	<i>Citrus reticulata</i> L.	Rutaceae	Al
Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae	Me
Primavera/Santa Rita	<i>Bougainvillea</i> <i>spectabilis</i> Willd.	Nyctaginaceae	Or
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Punicaceae	Me
Rosa Vermelha	<i>Rosa gallica</i> L.	Rosaceae	Or
Rosa de cor Rosa	<i>Rosa</i> sp.	Rosaceae	Or
Rosa	<i>Rosa</i> sp.	Rosaceae	Or
Saião	<i>Kalanchoe</i> <i>brasiliensis</i> Cambess	Crassulaceae	Me
Salsinha	<i>Petroselinum</i> <i>crispum</i> L.	Apiaceae	Al
Samambaia	<i>Phlebodium</i> <i>decumanum</i> (Willd.) J. Sm.	Polypodiaceae	Or
Sapatinho de Anjo	<i>Caladium</i> sp.	Araceae	Or
Sete Copas	<i>Terminalia</i> <i>catappa</i> L.	Combretaceae	Al, So
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	Caesalpiniaceae	Al, So
Tarumã	<i>Vitex</i> <i>montevidensis</i> Cham.	Verbenaceae	So
Teca	<i>Tectona grandis</i>	Verbenaceae	Ma

Tomate	L. Solanum lycopersicum L.	Solanaceae	Al
Urucum/Colorau	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	Al, Me
Uva/Parreira	<i>Vitis vinifera</i> L.	Vitaceae	Al
Folhagens	Diversas	Diversas	Or, Me, Mi

Analisando a Tabela 8 pode-se perceber que a partir das etnoespécies (componente êmico) foram catalogadas 142 espécies (componente ético) de várias famílias botânicas com finalidades ornamental, medicinal, alimentícia, madeireira, mística e para sombreamento.

Por outro lado, em todas as residências ocorreram várias plantas que os entrevistados expressaram não saber o nome popular, para essas plantas eles utilizaram o termo folhagem. Segundo os residentes da comunidade eles plantam, às vezes, mesmo sem saber como são chamadas ou porque sabiam e esqueceram os nomes.

De maneira geral, a comunidade expressou que existem duas formas de conseguirem outras plantas, ganhando a muda de alguém em casa ou quando vão em algum lugar, como vizinhos, outras partes da cidade ou em outras cidades e estados, e trazem mudas e sementes de plantas que acharam bonitas, para fim medicinal ou outra finalidade.

4.2. A Comunidade Expressa seus Conhecimentos sobre o Uso e Manejo Plantas

Sobre o uso das espécies, os entrevistados expressaram as relações com os recursos vegetais que cultivam, assim permitindo o olhar etnoecológico nessa interação, aspecto também abordado por Campos (2012) nos seus estudos em Nobres, Mato Grosso.

Dessa forma, trechos dos depoimentos dos entrevistados mostrados a seguir, revelam aspectos importantes dessa relação da comunidade com as plantas, seus usos e funções correlatas:

a) As Finalidades e as Formas de Uso dos Recursos vegetais:

- *O saião esfrego na mão e põe óleo e passa na testa, é bom para dor de cabeça (mulher, 71 anos).*
- *O norvone é bom pra estomago. O levante faz chá para dor de barriga. O Dr. Gravete cura o câncer (mulher, 73 anos).*
- *O açafão é a batata do açafão, serve para passar em volta do olho para não dar sarampo no olho. Ele é colocado na comida para temperar, combate colesterol e é bom para coração, para sopro no coração. O absinto serve para dor de estomago, pega a folha e lava e joga a água quente ou fria, e toma, serve também para pedra na vesícula. Quanto a erva de santa Maria ou mentrus, pega as folhas lava, bate no liquidificador ou no pilãozinho e toma com leite ou água, serve para vermezinho, amarelão, anemia (mulher, 64 anos).*
- *Uso o hortelã pimenta como tempero, e para fazer xarope para tosse e cólica menstrual. Para fazer xarope, lavo as folhas e coloca num copo de açúcar e meio de água, leva ao fogo, vai apurando e fica como se fosse um melado, é bom para tosse. Também para tosse faço um xarope com folha de manga, hortelã pimenta, manjeriço, canela, noz moscada, limão, e um pouco de açúcar até ficar um xarope. Desses, eu compro só a canela, noz moscada e o açúcar, os outros todos eu tenho aqui (mulher, 64 anos).*
- *A manjerona ou manjeriço faz chá para bronquite, gripe, e usa como tempero de comida. E as folhas de amora serve para repor hormônio de mulher, serve também para menopausa, para quentura no corpo. Se bate coca-cola com abacaxi, serve para desmanchar pedra no rim. O boldo é pra quando bebe muita pinga, bebe ele, diz que é digestivo. Uso 3 frutinhas de urucum, ferve na água com um litro de água e toma como água, para baixar o colesterol (mulher, 66 anos).*
- *A hortelã coloco na carne, faço chá com água quente para gripe, eles fala que é bom para verme. O boldo é para estomago, comida que não ta fazendo bem para digestão. A caferana é para estomago que nem o boldo, e também quem bebe muito, maceta bem e põe com água gelada e côa e toma. O levante é usado como chá quente para gripe, para dor de barriga. A erva cidreira é usado com água quente, serve como calmante e para abaixar a pressão. A carqueja é bom para estomago, abaixar o diabete e o colesterol, usa com água*

quente também, deixa esfriar e põe na geladeira e vai tomando (mulher, 61 anos).

- O capim cidreira serve como calmante e para menopausa, e a Erva Cidreira serve para tosse. A roman serve para garganta, faz chá para gargareja, faz garrafada com vinho branco para todo tipo de inflamação. O anador é para dor, toma o chá para dor de cabeça, dor de dente (mulher, 53 anos).

- Tem planta ai que num sei o nome. O hortelã faz chá para constipado, gripe, põe ele na água para ferve, põe açúcar e bebe. O capim santo põe para ferve na água, adoça e toma, serve para gripe, para negocio do estamo, abre apetite. A erva cidreira faz chá para toma (mulher, 80 anos).

- A arruda serve para dor de ouvido, pega folhinha sóca ela e coloca num algodãozinho bem fininho e põe azeite de oliva morninho e põe no ouvido. A erva cidreira toma mais quentinho, é para mal estar no estomago, dor no estomago, estomago pesado, coloca na água e fervo ela, cuô e tomo. O capim cidreira toma morno ou frio, problema de pressão, abaixa a pressão, tira fadiga, falta de ar, mesmo jeito que a erva cidreira. A babosa é para queda de cabelo, tira a casca dela, tira a carninha branquinha que tem dentro, bato no liquidificador com uma gema de ovo, só a gema, pega um pincel e vai molhando e vai passando no cabelo, como se tivesse pintando o cabelo e depois envolve o cabelo todo na cabeça, e põe uma toca e deixa meia hora à uma hora. Tem outras plantinhas mas eu não sei o nome (mulher, 76 anos).

- A Aloe Vera é a mesma babosa, serve para o cabelo, vitamina para o cabelo, para queda. Para usar rapa o limbo que ele tem e passa na raiz do cabelo. A citronela serve como repelente para mosquito da dengue, coloca a folha no álcool para passar na pele (mulher, 53 anos).

- O comigo ninguém pode serve para coisa feito, trem de macumba, por isso que plantei na porta de casa. É para mal olhado, para lava local, as coisas que jogam na gente né (mulher, 71 anos).

- A espada de são Jorge faz chá para lavar, serve para mal olhado. O guiné é igual espada de são Jorge, serve para mal olhado. Pode passar também em machucado, lugar que ta com dor, por exemplo,

esfrega a folha e passa na testa e cheira um pouco é bom para dor de cabeça (mulher, 71 anos).

- Essa flor amarela combate o mosquito da dengue, onde tem ela não dá o mosquito, o cheiro combate a dengue, fumaça da folhagem seca espanta o mosquito. Essa outra folhagem não sabe o nome, e remédio e não sabe pra que (mulher, 73 anos).

- A citronela, é um capim cheiroso, cheiro de eucalipto, que põe no álcool, verde ou seca, espanta o mosquito, passar o pano (mulher, 66 anos).

- Gosto de planta pé de fumo para pega as folha e por no ninho das galinhas que ta chocando, num deixa da piolho (mulher, 80 anos).

- A comigo ninguém pode e a jurema, serve para espantar mal olhado. Tenho muitas plantas que não sei o nome (mulher, 64 anos).

- O chá de cidreira é bom para faze dormir. A folha de lima serve como calmante, rasga a folha e põe na vasilha e leva no fogo ou põe numa vasilha e põe a água quente. O chá da folha da laranja é para dor de cabeça. Eu sempre fiz para os meus filhos. Quando meus filhos tinham dor de cabeça, também passava óleo morno nas fonte ou fazia gominho. Gominho é um anguzinho e colocava num papelzinho e colocava na fonte. A marva é bom para dor de dente, anti-inflamatório (mulher, 91 anos).

- A mandioca é usada para consumo, e a cana faz caldo de cana e usa para chupar, e na época da seca corta para vaca (homem, 78 anos).

- Na época de tamarinu faço polpa e vendo. Também faço polpa e doce de goiaba para vende. O colorau eu vendo a semente e o colorau pronto. Faz óleo de piqui para vender, pega o piqui, lava, cozinha e vai cozinhando, e ai faz o óleo de piqui (mulher, 64 anos).

- O açafão é usado como tempero, põe no frango e na carne, para tirar tem que molhar, corta ele e põe para secar e tritura ele e faz um pó. A garioba é um palmito amargo, serve para comer (mulher, 66 anos).

- Eu faço doce de caju, manga e goiaba, só para o consumo. A graviola parece uma pinha. A laranja, manga, jaca, coco, tamarinu, pitanga, graviola, maracujá, goiaba e caju uso para fazer suco e chupar mesmo, não precisa ficar aguando. Já outras precisa água

todo dia, como a hortelã, boldo, caferana, levante, erva cidreira, carqueja (mulher, 61 anos).

- Eu uso o caju e a goiaba para fazer doce e suco, o limão uso pra suco também. O coco é só para despesa, para tomar a água e comer a castanha. A ata é para comer (homem, 59 anos).

- Aqui tem um pouco de fruteira, como caju, laranja, pinha, acerola, e outras. Tudo é para o consumo em casa, o que não come fica ai, passarinho come. E também plantas nativa, como o pinho, que é madeira e já tem uns 40 anos, fruta banana, jenipapo, piqui, coco bocaiuva, tarumã, cacau, babaçu, bacuri. Nativo é o que é da mata (homem, 47 anos).

- Gosto de planta, tem muitas aqui em casa, gosto da primavera ela fica florida o ano todo (mulher, 73 anos).

- Eu gosto de planta, acho lindo as plantas, tenho nove tipos de rosas, acho linda as rosas. Eu tinha hortelã, poejo e anador porque eu tinha criança, agora já ta tudo grande eu tenho mais (mulher, 44 anos).

b) O plantio, os cuidados no cultivo e outros aspectos relevantes relacionados às culturas:

- Gosto de planta, acho lindo. Mas eu tenho poucas plantas, porque mais as galinhas não deixa, tem a comigo ninguém pode, e tem também algumas de enfeite como orquídea, lírio, dailia, samambaia e outras que eu não sei o nome. A comigo ninguém pode serve para banho de descarrego, pessoa que tem dor no corpo, não tem vontade de fazer nada, corpo murrinhado. As plantas eu aguo dia sim e dia não. Aguo e coloco um vez por mês pó de osso, farinha de osso para dar flor, faço por três vezes e para um tempo (mulher, 47 anos).

- O mês de março é bom pra pranta feijão, e a mandioca é bom prantar em dezembro ou janeiro. Esse ano nois pranto o maxixe mas chuveu muito ele derreteu, amarelou (mulher, 71 anos).

- A época que planta mandioca, banana, mandioca, cana é de setembro a janeiro, época das águas. A banana com um ano produz, a cada 2 a 3 meses tem que limpar. A cana com seis meses produz, uma vez no ano. O milho faz dois plantios, planta e colhe com

noventa dias, e planta de novo. O milho além de ser usado para consumo, é usado para porco e galinha. Para plantar tem que gradiar, esse ano não gradiei e ai não saiu bom à colheita (homem, 78 anos).

- Na época da seca água todo dia as prantas, agora na época de chuva num água todo dia não (mulher, 71 anos).

- Na seca quase todo dia tem que aguar, na época de chuva não precisa (mulher, 73 anos).

- A mandioca tem que planta quando começa a chover em setembro ou outubro. Apenas as plantinhas da horta que molho todo dia, uma vez por dia, as outras molho logo quando planto e depois não molho (mulher, 66 anos).

- Para planta feijão, quando começa as águas cavuca e planta, coloca 4 sementes em cada, porque é melhor porque as vezes uma não nasce. Para planta a cana, carpi a terra, limpa, cavuca, faz as cova e coloca uns pedaço de cana, dois em cada cova, coloca veneno para matar os cupins, aqui tem muito cupim. Para banana, faz a cova e planta ela. Para planta a mandioca limpa a terra, carpe e planta no inicio das águas. Para mante limpo onde se planta tem que cuida, carpi ela sempre, quando ta chovendo carpi de dois em dois meses porque o mato vem e vem bonito. Quando não esta chovendo demora um pouco mais, uns três meses Nesse ano, plantei capim no pasto, gradiei a terra e semiei a semente com a mão (homem, 71 anos).

- Planto a mandioca na época da chuva, limpo o terreno, o local, faço as covas, escolho as ramas, escolho a qualidade, a raça, e planto na passagem da lua, planto na minguante, dois a três dias antes, durante e dois a três dias depois. A cova é de uns 10 a 15 cm, não pode ser muito funda se não, não nasce. Porque a mandioca se plantá em qualquer lua, a mandioca não cozinha. Para plantá a cana, não escoli a lua, mas planto mais na lua nova ou cheia, porque da uma cana maior. Faço cova ou rego e pica ela de 40 a 50cm, a cova é de uns 30cm de profundidade. A banana planto na minguante também, por mais que vai da uma banana menor, não cresce muito, mas é sadia né. A cova é de 40cm de fundura. Tem que ser muda grande, porque se tirar a muda pequena a galinha come. As plantas grandes não molho, porque a 2 metros já tem água, as raízes já tão

na água, se cavucar 2 metros acha água. As pequenas, quando você planta, tem que molhar porque as raízes ainda não tão na água (homem, 47 anos).

- As plantas daqui de casa, foi seu pai quem plantou. A mandioca ainda nois planta, mas pago alguém para plantar e para carpir. No nosso pomar tem mais pocan, elas vivem mais ou menos uns 15 anos, mas tem também laranja, mixirica, a laranja morgate. A laranja Morgante é uma laranja bem azeda. As plantas do pomar não molha, não faz nada, faz assim, quando compra muda nova ai molha. A cebolinha, pimentão, coentro e salsa molha todo dia, as outras plantas molho de vez em quando. O limão Taiti também molho de vez em quando, mais ou menos, de dez em dez dias (mulher, 53 anos).

- Nois planta milho e arroz para despesa e cana para despesa e para fazer ração. Para planta o rois prepara a terra, gradeia, nivela, depois põe o rois na plantadeira, depois cultiva, passa cultivado quando tiver grandinho com uns 30 dias, tira os matinhos que ta crescendo e joga terra nos pé do rois. Depois com quatro meses de plantado já colhe. Tem que ser numa baixada, porque tem que ser uma terra meio úmida. O milho é o mesmo sistema, gradeia primeiro, preferência terra meia baixa, não pode ser terra com pedra e nem terra vermelha. A cana gradeia, faz surca, que assim abri a valeta, faz corte de 3 gomos. Deve ser plantado de outubro a dezembro, tem que ser no inicio das águas (homem, 49 anos).

- Nois já planto muito, fazia roça, mas hoje a vista não deixa mais planta (mulher, 91 anos).

- Para plantar a mandioca, deve ser principalmente em novembro, época das águas, planta na crescente, para carregar, dar bastante fruto. Se tiver irrigação pode plantar qualquer época. Onde vai planta, limpa a terra, fica limpando onde ta plantando, planta 3 anos num lugar só, e depois vai planta em outro lugar, onde tava sujo, mais 3 anos, e o lugar onde tava plantando suja de novo, para adubar, porque as folhas cai e vira adubo orgânico. A banana quando dá o cacho, sai os frutos, tira os brotos que tem e planta em outro lugar. A mandioca demora uns 8 meses para colher e a banana demora um ano para colher (homem, 44 anos).

- *Tenho várias plantinhas que não sei o nome, quem vai me dando eu vou plantando. As vezes da raiva eu corto tudo e planto outra, da mesma planta ou de outra planta, as vezes podo para brotar de novo. Quando vai planta mandioca e banana, carpe e planta, ai quando limpa quintal joga as folhas la para aduba né e não fica muito ressecada a terra. Quem planta é o Laercio e eu ajudo, não sei dizer a época certa de planta. A banana sei que planta na época da chuva (mulher, 42 anos).*
- *Para planta a cana, limpa a terra, depois de bem limpinho, cavuca com enxadão, abre as valetas e corta as mudas, com dois ou três gomos, e põe, planta no mês de dezembro ou janeiro. As frutas manga e cocoqueiro já tava plantado quando mudei para cá (homem, 71 anos).*
- *Tem que planta a horta na lua minguante, se não cria muito corozinho. Outras coisas tem que planta perto da crescente (mulher, 91 anos).*
- *Uso o esterco nas plantas, pego o esterco do gado ou das galinhas e coloco num saco, e vou usando conforme a necessidade. Tiro o esterco e coloco na horta, num canto e deixo curti. Curtir assim é ir colocando água por uns cinco dias, porque é muito forte, por causa da urina e ureia do gado. O esterco das galinhas é mais forte e melhor, mas se não cuidar mata as plantas (mulher, 42 anos).*
- *Pego garrafa pet furo na tampa e no fundo, encho de água de água e amarro em volta do pé de caju, para aguar (homem, 59 anos).*
- *Antes dava bastante, agora não da nada, cana, mandioca tem uns pezinho só, bicho não deixa, perdiz e tatu come as mandioca (mulher, 71 anos).*
- *Faço água com barrage e joga perto dos vasos de pranta na varanda para espanta os bichos (mulher, 71 anos).*
- *Já vendi várias coisas, laranja, banana, farinha, abacate, [...], hoje só vendo laranja (homem, 71 anos).*
- *Na época de fruta, cato as mangas e joga para os porco, as vacas também gosta, mas não gosto que elas come porque pode intoxicar. Os carneiros também gostam bastante (mulher, 71 anos).*
- *Eu plantava, mas num tenho mais saúde, e hoje não planto porque não tenho saúde (mulher, 64 anos).*

- *Eu comecei uma horta no mês passado para vende, to plantando couve, salsinha, cebolinha, coentro, alface, e mais outras, tão já grandinha* (mulher, 43 anos).

Desta forma, optou-se nessa dissertação transcrever diferentes trechos dos depoimentos colhidos por considerar que os mesmos por si só evidenciam a riqueza do conhecimento da comunidade em relação às plantas, suas finalidades e formas de uso, plantio e os cuidados inerentes.

Portanto, ao observar os depoimentos dos entrevistados pode-se verificar que as finalidades de cultivo são para uso medicinal, místico, alimentício, ornamental, madeireiro e para sombreamento.

Nota-se também a diversidade de plantas e as variadas formas de uso, destacando aquelas com fins medicinais; místicos; a importância e o valor dos frutos, especialmente os destinados à alimentação; os aspectos simbólicos e sentimentais envolvidos no ato de sentar-se à sombra das árvores durante o dia e aos finais de tarde e a distração e a satisfação no manejo diário, assim, sobretudo o ato de cultivar é um exercício de prazer.

Essa relação humana com as plantas, sua forma de cultivo e uso podem revelar aspectos culturais e históricos dos indivíduos e da comunidade estudada.

Amorozo (2002) assinala que a diversidade de plantas medicinais utilizadas tende a se restringir às espécies cultivadas e cosmopolitas, devido às modificações históricas nas formas de apropriação e uso da terra, pelas quais novos valores culturais sobrepõem-se aos antigos.

As plantas medicinais são utilizadas principalmente para sintomas gerais, indicações terapêuticas como gripes, dores e inflamações, mas também outras foram citadas para câncer, diminuição de colesterol, etc. Ocorreu indicação de plantas onde se entrelaça os fins medicinal e estético, como a babosa, utilizada para o cabelo.

O cultivo e consumo de plantas frutíferas comestíveis são importantes por agregar na dieta alimentar da comunidade nutrientes, vitaminas e minerais, essenciais para o metabolismo fisiológico humano. Muitas delas também são utilizadas para fins medicinais e de sombreamento. É importante enfatizar que se tais plantas não fossem cultivadas nos quintais, talvez os moradores não

consumissem as mesmas, pelo fator econômico. O fato de cultivá-las na sua propriedade representa uma economia financeira para a família.

Os recursos vegetais citados com atributos místicos e mágicos, estão relacionados às superstições, sendo plantas que protegem e são contra mal olhado.

As plantas indicadas com atributos de sombras são em geral árvores, no domínio popular conhecidas como mangueiras, tamarindeiros, sete copas, etc.

4.3. A Função dos Quintais na Comunidade do Lobo

Os estudos em quintais, sejam eles urbanos ou rurais, demonstram que o uso popular das plantas para fins medicinais é grande, quase sempre, em números comparáveis às plantas utilizadas para a finalidade alimentar (GUARIM NETO; AMARAL, 2010, CAMPOS, 2012).

Os quintais da Comunidade do Lobo são espaços usados para cultivo de plantas que são aproveitadas para variados fins, tanto ornamental, medicinal, alimentícia, madeireira, sobreamento e místico, conforme já citado no item 4.1.

A presença de herbáceas em quintais urbanos é mais frequente, uma vez que o espaço reservado ao cultivo é pequeno e a maioria destas plantas é destinada ao uso alimentar e medicinal (GUARIM NETO; AMARAL, 2010).

Na comunidade, os quintais são proporcionalmente maiores em relação aos quintais das casas urbanas, pois nas chácaras o tamanho da propriedade permite aos residentes estabelecer a extensão que quiserem para o quintal, assim na comunidade ocorre à presença de plantas herbáceas, arbustivas e arbóreas.

Nos municípios do interior de Mato Grosso, os quintais ainda têm a função de espaço destinado à criação de pequenos animais, como galinhas e porcos, locais estes onde as representações das necessidades humanas aparecem com perfeição e mais que isso, aparece formas de conservação da biodiversidade e dos elementos que permeiam a cultura de seu povo (GUARIM NETO; AMARAL, 2010).

Os moradores da Comunidade do Lobo utilizam seus quintais para a criação de animais de estimação, como gato, cachorro, papagaio, piriquito, etc. Também animais que são criados para fins de uso e alimentação, como as galinhas que se utilizam os ovos e servem também como alimento. Os moradores ainda possuem criação de porco, peru, pato, marreco e carneiro, etc.

O quintal é local de lazer, brincadeiras das crianças, distração dos jovens e adultos, local de união, onde se senta à sombra para “bater papo” e “contar casos”, sendo local de convivência e distração.

Esse espaço está no imaginário de cada entrevistado intrinsecamente ligado as emoções, os valores e os significados próprios das vivências e construções individuais e coletivas, agregadas ao longo da vida e principalmente durante a vida de interação com esse ambiente.

Guarim Neto e Carniello (2007) abordam o etnoconhecimento em quintais de terras mato grossenses, discutindo os pressupostos biológicos, culturais e de representações sobre os recursos vegetais e a cultura de populações humanas diversificadas, habitando áreas do cerrado, pantanal e floresta.

Os entrevistados expressam a afinidade e o sentimento intrínseco nessas relações com os quintais, como podemos observar abaixo:

- *a gente sempre faz alguma coisinha no quintal, planta banana, cana, trata das galinhas, e outras coisas. Molho o terreiro e as plantas quando esta seco demais, por causa do poeira* (homem, 71 anos).
- *gosto de ver as arvores, o meio, as criações, animais, acho muito agradável* (homem, 16 anos).
- *gosto de ficar embaixo da arvore é gostoso, a sombra* (mulher, 44 anos).
- *é gostoso fica na rede embaixo da mangueira* (mulher, 91 anos).
- *eu sempre limpo o quintal, não deixo sujo não, o lixo coloco num buraco e os plásticos junto e põe na lixeira dos vizinhos no Boa Esperança, porque passa o caminhão pegando lixo* (mulher, 64 anos).
- *no dia de sábado a gente faz mutirão, porque ta todo mundo em casa, limpa o quintal e carrega para o mandiocal* (homem, 47 anos).

Nessa perspectiva, o quintal acaba sendo a extensão do indivíduo dada a sua identificação e interação. A compreensão dos elos estabelecidos do ser social com o seu quintal, e como se integra ao grupo, seja família e amigos, e a representação transmitida de si aos demais, pode demonstrar a intensidade das ações e afeição do indivíduo com o seu quintal.

Os quintais da Comunidade do Lobo apresentam traços de tradicionalidade, itens como mão de pilão, ausência de água tratada, bancos de madeira, fixos e móveis, etc. Tais itens nos arremetem há décadas passadas, aos tempos antigos nas residências rurais, onde se desenvolviam práticas próprias de um povo, de uma geração, como “socar na mão de pilão”.

Nas descrições dos entrevistados podemos elencar alguns pontos, “o lixo num buraco”, buscando expressar materiais orgânicos, como folhas, passíveis de serem degradados, em um buraco que seria uma composteira. Os “plásticos na lixeira dos vizinhos”, faz alusão aos plásticos materiais difíceis de se decompor, colocando-os para que o caminhão de coleta de lixo recolha. Outro ponto são as afirmações “eu sempre limpo e não deixo sujo não”, expressão de zelo e apego com o quintal, representando sentimento por esse espaço.

Na fala onde descreve a situação de “fazer mutirão para limpar o quintal e jogar no mandiocal”, tem-se a ideia de limpeza do quintal, deixa-lo bonito e organizado, ainda se pode visualizar a questão de reaproveitamento, visto que levar as folhas caídas para o mandiocal, permitiria sua decomposição e incorporação dos nutrientes ao solo, através dos ciclos de nutrientes, serem disponibilizados aos pés de mandioca.

A atividade de plantio nos quintais e nas propriedades da comunidade do Lobo deve ser meditada como significação dos saberes dos seus moradores. Esse tipo de atividade desenvolvida na comunidade pode ser considerada como agricultura de subsistência, porque fornece alimentos para o consumo diário das famílias.

O aproveitamento do espaço dos quintais para cultivo é importante por evitar o desenvolvimento de outras plantas não desejáveis e em contrapartida ocorre o exercício cotidiano do conhecimento de cultivo com a produção de produtos orgânicos.

Os moradores mostraram seus quintais com entusiasmo, descrevendo a distribuição das plantas e o aproveitamento do espaço, falando dos seus conhecimentos e utilidades das plantas cultivadas, isso evidencia algo relevante para os moradores, o prazer que possuem em plantar, sendo terapia e ocupação diária.

O plantio nos quintais além de poder representar viveiros de diversidade de espécies de ervas, árvores e arbustos, se caracterizando como reserva genética,

também é capaz de se estabelecer como alternativa econômica para o consumo de frutos e verduras, que talvez não seriam adquiridos e consumidos em função da renda familiar.

Os frutos e as verduras são em geral cultivadas com finalidade de consumo familiar. Mas vale ressaltar que em uma das residências os moradores iniciaram o plantio de verduras com objetivo de comercializar.

4.4. Os Saberes Transmitidos

Ao pesquisar práticas culturais compete ao pesquisador a habilidade de ler e interpretar, isto é, entender a cultura como um texto que pode ser lido e interpretado e jamais explicado do ponto de vista do pesquisador (JANUÁRIO, 2004).

Desta forma, nos estudos culturais o pesquisador precisa refletir que as práticas culturais apenas fazem sentido e serão compreendidas no contexto do olhar da comunidade, só tem significado na perspectiva histórica e cultural dos atores pesquisados.

Nessa perspectiva, compreender e revelar a riqueza de saberes da Comunidade do Lobo, é um exercício de análise da historicidade da comunidade, dos seus membros e das relações construídas com seu ambiente ao longo dos anos.

Ao observar as falas dos entrevistados nota-se que a transmissão dos saberes de uso e manejo das plantas e outras práticas está acontecendo, compreendem-se que os descendentes sabem cultivar e utilizar os recursos vegetais, exercitam o manejo diário dos animais e efetuam outras práticas realizadas pela família.

De acordo com Amorozo (2002) o cultivo em comunidades agrícolas tradicionais é algo que se aprende muito cedo, à medida que as crianças acompanham os adultos às roças.

Essa transmissão de saberes fica demonstrado na fala dos entrevistados a seguir:

- ensino os filhos à planta, meu filho e a filha caçula me ajuda a planta (homem, 47 anos).

- *eu aprendi a cuida das criação com meu pai e minha mãe, desde criança eles criaram eu fui aprendendo. Aprendi a planta com meu pai e minha mãe, a gente sempre fazia roça (homem, 44 anos).*
- *eu cuido das plantas, eu agou e planto. Eu ensinei meus filhos, e ensino o meu neto, mas ele é um pouco preguiçoso (homem, 71 anos).*
- *antes eu que fazia o sabão, agora só a minha filha que faz (mulher, 71 anos).*
- *faço o xarope para tosse, eu tento ensino os meus filhos a fazer (mulher, 64 anos).*

Observa-se nas residências da comunidade o uso de plantas com a finalidade medicinal, tanto de chás frios, quentes, xaropes e outras formas de uso. O uso ocorre por moradores de diferentes idades, isto pode indicar que esses saberes e conhecimentos estão sendo transmitidos entres os descendentes da comunidade.

No bairro existem duas benzedadeiras, com respectivamente 91 e 74 anos, os mais jovens não sabem a arte de benzer. Tal fato, nos permite refletir que possivelmente essa arte não está sendo transmitida aos demais moradores, qual o fato ou fatores que implicam nessa não transmissão de conhecimento.

A senhora de 91 anos também era parteira, informando que fez muitos partos ao longo dos anos. O progresso e as inovações da medicina, tão importante para a saúde publica, também interferiu ao longo dos anos em outra atividade tradicional, o serviço da parteira.

O desenvolvimento tecnológico e os avanços das engenharias trouxeram a alterações em muitas das atividades artesanais, como por exemplo, o queijo que antigamente era feito coalhando o queijo naturalmente, hoje é feito com coalho artificial. Podemos notar também, o sabão que era feito em varias residências e quase que exclusivamente com itens naturais, como gordura de porco e boi e atualmente, tem residência que está fabricando com álcool e soda, produtos industrializados e ou ainda a maioria das residências que compram o sabão industrializado, sendo mais fácil buscá-lo pronto no mercado do que fabricá-lo de forma artesanal.

Segundo Rodrigues (2003) essa ressignificação de conhecimento provavelmente se iniciou e se intensificou após os anos 1980, com as migrações e com a construção da Rodovia BR- 070, que possibilitou a entrada de muitos

produtos industrializados na cidade de Cáceres, até então inexistentes para consumo da população local e quando presentes, o valor era muito alto, assim não acessível a grande maioria da população.

O conhecimento adquirido pelos diversos meios, inclusive de comunicação, não deveria destruir o conhecimento empírico das populações tradicionais, desenvolvido ao longo dos anos, sob pena de impedir sua preservação e o desenvolvimento de saberes estratégicos para a sua sobrevivência e bem-estar (DIEGUES, 2000).

Entretanto, a ressignificação dos conhecimentos de comunidades humanas deve ser considerada também um aspecto importante do processo de construção e conservação dos saberes.

Leff (2001) afirma que a aprendizagem é um processo de produção de significações e uma apropriação subjetiva de saberes.

Através da memória puderam-se perpetuar os ritos que uniam uma sociedade, os grandes feitos passados, bem como os conhecimentos que permitiam uma maior sobrevivência. Um outro aspecto importante que pode ser conservado na memória individual e coletiva de uma sociedade são as transformações no ambiente que a cerca, sendo que tais transformações servem, muitas vezes, como indicativos de sucessão temporal, podendo um ambiente estático comprometer a noção de tempo (FERREIRA, 2002).

Refletindo sobre os aspectos sócio culturais envolvidos nas relações de aprendizado e transmissão de conhecimento nas gerações, observa-se a considerável importância dada à unidade familiar, doméstica e também às relações de parentesco entre os membros da comunidade, desenvolvendo atividades sociais e culturais comunitárias. Dessa forma, os processos de transmissão do aprendizado às vezes são tão sutis que os aprendizes não se dão conta que o processo é contínuo e está constantemente acontecendo.

5. AMBIENTE, COMUNIDADE E PERCEPÇÃO AMBIENTAL

O movimento ecológico coloca em questão o conceito de natureza que tem vigorado e, como ele perpassa o sentir, o pensar e o agir de nossa sociedade, no fundo coloca em questão o modo de ser, de produzir e de viver dessa sociedade (GONÇALVES, 1996).

Para Reigota (1995) Meio Ambiente é o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído.

Nessa perspectiva, é essencial compreender como as comunidades e em especial a Comunidade do Lobo relaciona-se com a paisagem, os componentes sociais e históricos que impulsionam as suas práticas, os aspectos culturais envolvidos na dinâmica das relações entre os seus membros e com o meio ambiente.

Para Tuan (1980) a paisagem é um arranjo de aspectos naturais e humanos em uma perspectiva grosseira, os elementos naturais são organizados de tal forma que proporcionam um ambiente apropriado para atividade humana.

Dessa forma, trechos dos depoimentos dos entrevistados relatados abaixo são fundamentais para revelar os aspectos que estimulam sua percepção do ambiente.

- Aqui já foi desmatado e esta em certo ponto saudável. Que o clima é bom, diferente dos outros lugares, é bonito (homem, 16 anos).

- Aqui é um lugar tranquilo, os vizinhos se entendem, se ajudam apesar de não ta sempre na casa do outro. Não tem bandidagem. Acho aqui bonito, por causa da natureza, respira natureza, respira tranquilidade, confiança com os vizinhos. Esse lugar significa tanta coisa, tem vizinhos que se comunica, lobo é tudo, confiança nos vizinhos, boas amizades. Gosto daqui, jamais quero sair (mulher, 64 anos).

- Gosto de olha pra serra, vejo sempre casazinho de viado, tuiuiú, garças, tamanduá e capivara (mulher, 44 anos).

- É um local excelente, sussegado, a natureza é bom, tudo que o nego pretende ter ele tem, ninguém judia de bicho do mato, de noite encontra um monte de capivara no banhado ali, os lobete come galinha e gambá come ovo e pintinho. Aqui representa um paraíso. Hoje em dia acabo tudo, mata mesmo você num vê mais, hoje tudo é pasto. Só tem algumas arvores, no pasto tem piuveira. E para não acabar é não cortar. Quando era mulecote já criei macaco, capivara, hoje você quase num vê como antigamente (homem, 71 anos).

- *Aqui é pequeno, é formado de chácaras, tem só uma rua e as casas de um lado e do outro da rua, termina antes do pé da serra, do Zé Pequeno pra cá é o Lobo, só tem uma fazenda. É formado pelas plantação e do pasto, mato não existe mais. Aqui onde eu moro era uma casinha de barro e hoje é uma casa de material sem acabar, sem acabamento. Aqui significa muito, meus amigos, as pessoas que cresci já cresceram e tão na mesma idade minha. Muitas pessoas já morreram, as pessoas que conheci criança muitas moram aqui, muitas já mudaram, casaram, alguns saíram estudo e volto, outros saíram casaram e volto, outros saíram e nunca mais vi (mulher, 53 anos).*

- *Aqui é tranquilo, tranquilo, bom. A natureza é mais constante, paisagem é bonita, apesar que desmataram bastante para fazer campo e pastagem, mas ainda tem. Gosto daqui da chácara, nasci e criei aqui, e ainda to vivendo aqui. Gosto de morar aqui, vivo tranquilo, as vezes tem algum problema mas é fácil de resolver, aqui é lugar de paz. Pra as plantas não acaba só não mexe na natureza, não destruir a floresta, conservar as nascentes das águas, aqui tem uma nascente la perto da serra. Acho que tem que ter lei mais firme para proteção dos animais e plantas, apesar que tem mais não é comprida (homem, 44 anos).*

- *O corguinho esta acabando, se pudesse não tirar árvore e ate o capim, porque ajuda a segurar o barranco. Para os bichos não acabarem, o que mais acaba com os bichos, é acabando com o mato onde eles vivem, as queimadas, eu creio a poluição das águas onde bebem, com agrotóxico, onde eles bebem (mulher, 54 anos).*

- *Já mudou muito, a gente reunia para as brincadeiras, tudo diferente, muitos conhecidos já morreram. Paisagem já foi bonito um dia, a estrada você andava dentro da água, água limpinho, cada chácara tinha seu portinho. Hoje ta bom assim, que tem energia. É um local que a gente escolheu para vive, morar, ta perto da minha mãe e da minha sogra. Gosto daqui, lugar tranquilo para gente morar. Aqui significa muita coisa boa, construindo minha família, no lugar que vivi minha infância, juventude e de casada (mulher, 44 anos).*

- *Acho bom, se não fosse bom já tinha saído daqui a muito tempo, cheguei aqui era um barraquinho de taboa veio, vivo aqui, sentiria se saísse daqui* (homem, 75 anos).

De acordo com Tuan (1980) percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.

Segundo Marin *et al.* (2003) “o fenômeno perceptivo é tão complexo quanto a natureza humana, não sendo possível seu entendimento pelos caminhos puramente conceituais”. Os autores explicam sua citação abordando a influência da imaginação, dos aspectos topofílicos, dentre outros, na configuração da percepção ambiental.

Para Tuan (1980) a topofilia seria o resultado da interação do elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, incluindo os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Caracterizando-se como um neologismo, desta forma, atribuindo novo sentido ao ambiente, fruto do comportamento próprio de cada ser humano.

Ao tratar de percepção ambiental, é preciso diferenciar entre sensação, percepção e cognição: sensação significa que há um órgão corporal para a realização da percepção, enquanto percepção tem o sentido de apreensão de uma realidade sensível, acrescida de uma significação. Cognição tem a conotação de conhecer(se) e construir o objeto de conhecimento (OLIVEIRA, 2002).

A percepção ambiental não é apenas a captação sensorial do ambiente, mas compreende a internalização do visto, ouvido, sentido, etc, permitindo a reflexão do sujeito e ocasionando a externalização nas práticas e atitudes. Desta forma, a percepção compreende três etapas em si mesma e permite dar significado às informações sensoriais e consciência do seu papel frente a esse meio observado.

O processo de percepção antecede a atribuição de significado que obviamente refere-se a algo maior do que simplesmente o sujeito e o objeto, é algo macro (a soma do todo é maior que a soma das partes), aí estão embutidos seus valores culturais, sociais e econômicos (CARVALHO, 2008).

Os seres humanos possuem os mesmos órgãos dos sentidos, assim veem, cheiram, ouvem, etc, as mesmas coisas, do ponto de vista fisiológico humano seria basicamente semelhante, mas sua percepção será provavelmente diferente, porque o olhar sobre o ambiente está implícito de seus conhecimentos e valores culturais, bem como o elo e o níveis de afetividade.

Tratando de percepção, também há a necessidade de refletir sobre a percepção individual e coletiva (SEEMANN, 2003).

Marin *et al.* (2003) apontam para o fato da topofilia ser marcada por aspectos culturais como a afetividade, a memória e a experiência interativa (ou vivência).

A compreensão dos saberes, os aspectos históricos implícitos e a afetividade da comunidade com o seu ambiente, permite o estabelecimento do diálogo com a ciência, consignando uma interfase com a interculturalidade, refletindo os saberes e buscando um consenso do conhecimento formal técnico e científico em relação ao conhecimento tradicional e/ou popular.

A interculturalidade restitui à educação a condição de reconhecer a diversidade cultural que une e separa os sujeitos, que os diferencia e os qualifica como iguais, pois, é nessa contradição de pertencimento e não pertencimento que está vinculada a necessidade de um diálogo que sirva como ponte, ligando as nossas diferenças e semelhanças. Isso estabelece a condição para reencontrar a nossa diversidade cultural, como desafio a uma educação que se integre a diferentes visões de mundo (MAULIN, 2009).

Para compreendermos a percepção Ambiental da comunidade do Lobo é importante considerar as práticas desenvolvidas por seus moradores, seus saberes construídos durante os anos, sua história de vida e cultura.

De acordo com Marin (2003) “as percepções ambientais não são estáticas e o olhar reflexivo para o meio permite uma visão holística capaz de induzir mudanças comportamentais”.

Desta forma, os saberes desvelados poderiam contribuir para o desenvolvimento de estratégias de Educação Ambiental dialógica, reflexiva e transformadora das realidades dessa comunidade e de outras.

Esse perceber varia de um ambiente para outro, entre pessoas de uma mesma cultura e de culturas diferentes, porque está relacionado com o indivíduo, o sujeito, é subjetivo, e está relacionado à sua cultura e seus conhecimentos construídos no decorrer dos anos.

As relações estabelecidas entre a percepção do ambiente pela Comunidade do Lobo e a afetividade implícita nessa relação estão representadas na Tabela 9.

Tabela 9. A tipologia ambiental proposta por Sauv  (2005) adaptada quanto às rela es na comunidade estudada

Tipologias	Na Comunidade (o �mico)
Natureza	<i>“Olha nesses p� de manga e tudo florado, tudo bonito. Acorda de manhã cedo os passarinhos cantam, de manhã tem João de Barro, Bem-te-vi que canta”.</i>
Recurso	<i>“� cheio de fruta, época de fruta, quando chega a época de fruta � lugar de fartura, porque todo mundo tem suas frutas”.</i>
Problema	<i>“O corguinho esta acabando, se pudesse não tirar arvore e ate o capim, porque ajuda a segurar o barranco”.</i>
Sistema	<i>“Passarinhos tem de vários tipos, que nem sei o nome, se planta horta, por exemplo, eles come tudo, eu tenho uns p� de pimenta e eles come tudo... quando chove cai vários filhotes do p� de manga”.</i>
Lugar em que se vive	<i>“Gosto muito daqui, passei minha infância aqui, meus pais, minha família, tenho muitas boas recorda�es”.</i>
Biosfera	<i>“A natureza já tem pouco, já foi destruído, a própria mata da nascente do córrego, foi feito represa no canal, acho um desrespeito � natureza. Tem muita gente que chega assim e diz, nossa como � bonito, mas não viu como era antes, tem a água aqui, mas não tem mais nada que protege ela”.</i>
Projeto comunitário	<i>“Acho que eles deviam ter mais cuidado com a natureza, da rua devia ser o prefeito. O povo desmata um pouco, muito pasto que eles desmatam tudo, não deixa uma arvore, isso acaba um pouco da paisagem”.</i>
Prazer no Espaço	<i>“Aqui � uma chácara muito boa, pequena mais � boa, da pra manter duas a três vaquinhas de leite, gosto de cria�o de galinha, de porco, de vaca, na cidade não posso ter, e aqui posso criar”.</i>
Fen�meno Temporal	<i>“Eu olhava para serra, se via serra�o na serra chuva na terra”. “O vento do sul faz mal para gente, da gripe, dor no corpo, dor de cabeça, e vento da norte � bom, saúde”. “Antigamente chovia mais, e frio era com garoa”.</i>

Considerando as descri es dos entrevistados da comunidade, optou-se em criar duas outras tipologias, o prazer no espaço e o fen meno temporal. O primeiro refere-se que   presença nesse espaço lhe permite um prazer em especial que não

teria estando em outro lugar. O segundo ponto está relacionado com o ambiente oferecer uma possibilidade de interação com o tempo ou a variação temporal.

A categorização da percepção ambiental dos informantes é interessante por poder fornecer indicativos para a proposição de estratégias de ações com a comunidade estudada e o desenvolvimento de políticas públicas voltadas a essa e outras comunidades.

As políticas públicas voltadas à questão socioambiental, especificamente a educação ambiental, tem por finalidade abrir espaços que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos seres humanos e de todas as espécies e sistemas naturais com os quais compartilhamos o planeta ao longo dos tempos. Isso se dá ao assumirmos nossas responsabilidades individuais e coletivas, interligadas pelas circunstâncias sociais e ambientais (SORRENTINO *et al.*, 2005).

As comunidades apresentam riquezas de conhecimentos que vêm sendo construídos ao longo dos anos, que deriva das pressões do desenvolvimento científico e tecnológico e da interação dos seus membros entre si e com outros grupos sociais. Conhecer esses saberes e compreender as percepções da comunidade constitui em registro histórico da comunidade e estimulam iniciativas para valorização dessa cultura e conservação da biodiversidade.

6. REFLETINDO SOBRE GESTÃO, CONSERVAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para Reigota (1995) a educação ambiental é uma educação política, pois ela agrega uma tendência de questionamento crítico aos valores sociais há muito impregnados na estrutura da sociedade moderna, exigindo uma participação política mais efetiva dos diferentes atores sociais na transformação dos paradigmas do atual modelo de desenvolvimento.

Segundo Guimarães (1995) nas sociedades atuais o ser humano afasta-se da natureza. A individualização chegou ao extremo do egocentrismo. O ser humano, totalmente desintegrado do todo, não percebe mais as relações de equilíbrio da natureza. Age de forma totalmente desarmônica sobre o ambiente, causando grandes desequilíbrios ambientais. O mundo é superpovoado e as cidades substituem com seus atrativos artificiais a beleza natural e o homem corre risco de sufocar-se em seu próprio lixo.

Atualmente, o conceito de desenvolvimento sustentável indica claramente o tratamento dado à natureza como um recurso ou matéria prima, destinado aos objetivos de mercado cujo acesso é priorizado a parcela da sociedade que detém o controle do capital. Este paradigma mantém o padrão de desenvolvimento que produz desigualdades na distribuição e no acesso a esses recursos, produzindo a pobreza e a falta de identidade cidadã (SORRENTINO *et al.*, 2005).

Os valores que regem nossa sociedade são historicamente os de consumo de massa e o interessante agora é ter como logomarca a “sustentabilidade”, para isso, grandes capitalistas vestem uma roupagem verde de produção “ecologicamente correta” e incentivam a população para consumo do seu produto baseado nessa prerrogativa. Embora essa roupagem não signifique, necessariamente, uma redução global da emissão de poluentes ou mesmo uma mudança na forma de produzir, o que ocorre, principalmente, é que esse interesse das grandes empresas em se promover como “amiga da natureza” busca, acima de tudo, um aumento nos lucros baseados nesse novo produto: a “preservação ambiental” (DIÓGENES; ROCHA, 2009).

A urgente transformação social de que trata a educação ambiental visa à superação das injustiças ambientais, da desigualdade social, da apropriação capitalista e funcionalista da natureza e da própria humanidade. Vivemos processos de exclusão nos quais há uma ampla degradação ambiental socializada com uma maioria submetida, indissociados de uma apropriação privada dos benefícios materiais gerados. Cumpre à educação ambiental fomentar processos que impliquem o aumento do poder das maiorias hoje submetidas, de sua capacidade de autogestão e o fortalecimento de sua resistência à dominação capitalista de sua vida (trabalho) e de seus espaços (ambiente) (SORRENTINO *et al.*, 2005).

Cavalcanti (1999) aponta educação, gestão participativa e diálogo entre stakeholders (atores, sujeitos sociais) como os três parâmetros fundamentais para a regulação ambiental.

Para se entender educação ambiental como política pública, é interessante iniciar com os significados dessas palavras, contextualizá-lo na história do ambientalismo, inserindo-o nas agendas dos governos, assim como seus desdobramentos nas áreas da educação formal e não formal (SORRENTINO *et al.*, 2005).

Trata-se de construir uma cultura ecológica que compreenda natureza e sociedade como dimensões intrinsecamente relacionadas e que não podem mais ser pensadas — seja nas decisões governamentais, seja nas ações da sociedade civil — de forma separada, independente ou autônoma (CARVALHO, 2004).

Considerando a ética da sustentabilidade e os pressupostos da cidadania, a política pública pode ser entendida como um conjunto de procedimentos formais e informais que expressam a relação de poder e se destina à resolução pacífica de conflitos, assim como à construção e ao aprimoramento do bem comum. (SORRENTINO *et al.*, 2005).

Nesse sentido, passamos a vislumbrar como meta uma educação ambiental para a sustentabilidade socioambiental recuperando o significado do ecodesenvolvimento como um processo de transformação do meio natural que, por meio de técnicas apropriadas, impede desperdícios e realça as potencialidades deste meio, cuidando da satisfação das necessidades de todos os membros da sociedade, dada a diversidade dos meios naturais e dos contextos culturais. A educação ambiental entra nesse contexto orientada por uma racionalidade ambiental, transdisciplinar, pensando o meio ambiente não como sinônimo de natureza, mas uma base de interações entre o meio físico biológico com as sociedades e a cultura produzida pelos seus membros (SORRENTINO *et al.*, 2005).

De acordo com a Conferência de Tbilisi, ocorrida em 1977, Educação Ambiental tem como principais características ser um processo: dinâmico integrativo, transformador, participativo, abrangente, globalizador, permanente, contextualizador, conforme a descrição em Marcatto (2002).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, estabelece mais uma característica para a Educação Ambiental no Brasil, a transversal, onde estabelece que as questões ambientais não deve ser considerada específica de uma disciplina, mas ser abordada e discutida pelas várias áreas do conhecimento.

“A educação, seja formal, informal, familiar ou ambiental, só é completa quando a pessoa pode chegar nos principais momentos de sua vida a pensar por si próprio, agir conforme os seus princípios, viver segundo seus critérios” (REIGOTA, 1997).

A educação ambiental representa a retomada de um diálogo entre sujeito (ser humano) e o objeto (a natureza ou o outro que é estranho a nós). A revitalização desse diálogo demonstra a necessidade da busca por uma compreensão entre nós,

ou seja, é preciso que nos escutemos para que possamos entendermo-nos e aceitarmos-nos como diferenças que compõem a diversidade do espírito humano. A educação, desta forma, tem um papel fundamental para estabelecer o entendimento dessas diferenças (MAULIN, 2009).

Marcatto (2002) propõe que a Educação Ambiental seja um processo de formação dinâmico, permanente e participativo, no qual as pessoas envolvidas passem a ser agentes transformadores, participando ativamente da busca de alternativas para a redução de impactos ambientais e para o controle social do uso dos recursos naturais.

A comunidade do Lobo demonstra respeito pela natureza e cuidado com o estado de conservação do seu ambiente, expressando que é importante a manutenção dessa atitude para a manutenção das plantas, dos animais, da água e do solo. Segundo Diegues (2001) esse saber tradicional está associado à certeza de que se os recursos naturais e ecossistemas forem sobrecarregados e consumidos até o esgotamento, a comunidade não mais conseguirá sobreviver.

Pesquisas e projetos de conservação de recursos naturais (e também culturais) precisam considerar tanto os indivíduos quanto os grupos sociais, culturais e até políticos a respeito das suas pretensões, ambições, decisões e ações, permitindo revelar as suas atitudes, preferências, valores e interesses com base nas percepções e imagens que a mente humana é capaz de elaborar (AMORIM-FILHO, 1992).

A forma de vida das comunidades pode contribuir com a proteção do ambiente e conservação da diversidade biológica, construindo ao longo dos anos saberes culturais intrínsecos dessa relação, da realidade percebida e conduzindo para uma postura ética e de racionalidade ambiental.

A educação ambiental pode ser utilizada como ferramenta para a reflexão a cerca das concepções e os valores ambientais da comunidade, permitindo a autocrítica e mudança de atitude frente aos desafios sociais e ambientais impostos, despertando seus moradores para um novo olhar conservacionista.

Para falar em conservação ambiental deve-se observar a manutenção da biodiversidade de plantas, de animais e de microrganismos, bem como das paisagens e das macro e microcomunidades.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade apresenta algumas peculiaridades no seu modo de viver e manejar o ambiente, de como o compreende, percebe e sente. O sentimento de amor, de espaço e lugar que estende de si para seu meio, os torna parte desse meio e esse meio ambiente parte de si. Isso se confunde com onde inicia o meio e o seu eu, sendo uma extensão do outro.

Os moradores da comunidade do Lobo possuem conhecimentos locais sobre as plantas (e animais), o que pode contribuir no diagnóstico do domínio cultural da comunidade, permitindo os fazeres e afazeres da comunidade, seu estilo de vida, uso e manejo dos recursos naturais, práticas cotidianas e potencialidades de várias plantas, seu uso e manejo, mantendo a biodiversidade e o equilíbrio do ambiente.

Esses conhecimentos podem ser aproveitados para contribuir com a manutenção dos mecanismos sociais e culturais e da conservação da biodiversidade dessa e de outras comunidades.

Podem também contribuir na elaboração de políticas ambientais, sociais e econômicas, na perspectiva de melhoria da qualidade de vida da população e do bem estar humano e ambiental, na minimização dos fatores diretos e indiretos de mudanças dos serviços ambientais, permitindo que ele esteja disponível para as gerações atuais e futuras.

A comunidade do Lobo possui modos próprios de conduzir sua vida e de entender e perceber seu ambiente e espaço, seus saberes e as formas de cultivo de recursos vegetais são repassados aos descendentes, dando indicativos que apoiam a sustentabilidade ambiental.

A compreensão dos fatores culturais, sócio econômicos e as percepções da Comunidade do Lobo, poderão contribuir para conservação do conhecimento botânico tradicional, bem como a riqueza de plantas medicinais nos quintais e na elaboração de estratégias de conservação dos recursos vegetais.

Estudos sobre comunidades descrevendo as suas práticas tradicionais e culturais, as relações com o ambiente e a sua capacidade de suporte, considerando a diversidade ecológica e cultural, provêm subsídios para sustentabilidade ambiental dessa comunidade e de outras.

A comunidade do Lobo ainda mantém estreitas relações com o ambiente onde vive, especialmente com os recursos vegetais aos quais destinam diferentes

finalidades, principalmente quando esses recursos viabilizam a subsistência e a permanência no local que, mesmo com as alterações já apontadas nesse trabalho consideram *“um lugar tranquilo, bom, com uma natureza constante e paisagem bonita”*.

Que o tempo e mesmo as mudanças no ambiente da comunidade do Lobo possibilitem a continuidade da vida, dos saberes, dos sabores e dos amores nessa comunidade.

Continue viva comunidade do Lobo!!! Eternamente...

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P. Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais. *Acta Bot. Bras.* 13(3): 307-315. 1999.

AMORIM-FILHO, O. B. Os Estudos da Percepção como a última Fronteira da Gestão Ambiental. In: *Anais do II. Simpósio Situação Ambiental e Qualidade de Vida na Região Metropolitana de Belo Horizonte e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Geologia e Engenharia, 1992. p.16-20.

AMOROZO, M. C. M. Agricultura tradicional: espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; ALVES, Ângelo Giuseppe; SILVA, Ana Caroline Borges; SILVA, Valdeline Atanzio (Orgs.). *Atualidades em Etnobotânica e Etnoecologia*. Recife: SBEE, 2002. p. 123-131.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 16(2): 189-203. 2002.

BOGDAN, S.; BIKLEN R. *Investigação Qualitativa em Educação: uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. *Política Nacional de Educação Ambiental*. Brasília, 1999.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. *Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais*. Brasília, 2007.

CÁCERES. Lei nº 1.411, de 08 de outubro de 1997. *Delimitação dos Bairros situados no Perímetro Urbano de Cáceres e dá outras providências*. Prefeitura Municipal de Cáceres, 1997.

CAMPOS, P. A. *Nobres quintais: uma abordagem etnoecológica dos recursos vegetais cultivados nos quintais urbanos de Nobres – Mato Grosso, Brasil*. 58f. 2012. Dissertação de Mestrado. Cuiabá:IB/UFMT. 2012.

CARVALHO, I. C. de M. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v.2, n.2, p. 43-51. 2001.

_____. *Educação Ambiental: a Formação do Sujeito Ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, I. I. P.; GUARIM-NETO, G.; JANUÁRIO, E. R. da S. Percepção Ambiental na Serra do Tapirapuã em Tangara da Serra-MT. *Revista de Estudos Sociais*, Ano 10, Volume 19, Numero 1, 2008.

CAVALCANTI, C. *Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas*. São Paulo: Cortez/Fundação Joaquim Nabuco, 1999.

DIEGUES, A. C. (Org.) *Etnoconservação – Novos Rumos para a Proteção da Natureza nos Trópicos*. São Paulo-SP: Editora Hucitec e NUPAUB-USP, 2000.

_____. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.

DIEGUES, A. C. S.; ARRUDA, R. S. V. (orgs.) *Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2001.

DIÓGENES, K.; ROCHA, C. “Educação Ambiental”: Caminho para reverter a crise ambiental? *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, núm. 4, pág. 199 a 205. Cuiabá, 2009.

FERREIRA, J. C. V. *Mato Grosso e seus Municípios*. Cuiabá: Editora Buriti, 2001.

FERREIRA, M. A. V. *Uma análise dos olhares dos moradores e da imprensa escrita sobre a degradação do rio Pardo no município de São José do Rio Pardo, SP*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental) - USP, São Carlos, 2002.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GEERTZ, C. *O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GONÇALVES, C. W. P. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 5 edição. São Paulo. Editora Contexto. 1996.

GUARIM, V. L. M. S. *Educação e Sustentabilidade Ambiental em Comunidades Ribeirinhas Tradicionais*. 2000. Tese de doutorado (Doutorado em Educação)-Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso -UFMT, Cuiabá, 2000.

GUARIM, V. L. M. S. Sustentabilidade Ambiental em Comunidades Ribeirinhas Tradicionais. IN: *Anais do III Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal – Os Desafios do Novo Milênio*. Corumbá: 2000.

Guarim-Neto, G.; AMARAL, C. N. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. *Polibotanica* Núm. 29: 191-212. Março, 2010.

GUARIM-NETO, G.; CARNIELLO, M. A. Etnoconhecimento e Saber Local: um Olhar sobre Populações. In: Albuquerque, U. P.; Alves, A. G. C.; Araújo, T. A. S. (Org.). *Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil*. Recife: NUPEEA/UFRPE, 2007. p. 107-114.

GUARIM-NETO, G.; GUARIM, V. L. M. S.; MACEDO, M. & NASCIMENTO, N. P. Flora, Vegetação e Etnobotânica: Conservação de Recursos Vegetais no Pantanal. *Gaia Scientia*, 2(2): p-41 - p-46. 2008.

GUARIM-NETO, G.; MACIEL, M. R. A. *O Saber Local e os Recursos Vegetais em Juruena – MT*. Cuiabá: EdUFMT/Entrelinhas, 2008.

GUERRERO, O. M. B. La importancia de la educación ambiental y las culturas locales em um mundo globalizado. *Ambiente e Educação*, 9: 29-37. 2004.

GUIMARÃES, M. *A dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papirus, 1995.

JACOBI, P. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, nº 118, São Paulo, 2003.

JANUÁRIO, E. *Caminhos da Fronteira: Educação e Diversidade em Escolas da Fronteira Brasil-Bolívia, Cáceres-MT*. Cáceres: Unemat Editora, 2004.

LEFF, E. *A Complexidade Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. 10ª Reimpressão. São Paulo: EPU, 2007.

MARCATTO, C. *Educação ambiental: conceitos e princípios*. 1ª edição. Belo Horizonte: FEAM, 2002.

MARIN, A. A. *Percepção Ambiental e Imaginário dos Moradores do Município de Jardim/MS*. 2003. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais) – UFSCar, São Carlos-SP, 2003.

MARIN, A. A.; OLIVEIRA, H. T.; COMAR, V. A educação ambiental num contexto de complexidade do campo teórico da percepção. *Interciência*. vol. 28, nº10, out. 2003.

MAULIN, G. C. O conhecimento intercultural: um diálogo com a educação ambiental. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, núm. 4, pág. 60 a 65. Cuiabá, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NORDI, N.; GLINFSKOL THÉ, A. P.; MOURÃO, J. S.; MADI, E. F.; CAVALLINI, M.; MONTENEGRO, S. C. S. Etnoecologia, Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. In SANTOS, J. E. dos; SATO, M. (Orgs.). *A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001.

OLIVEIRA, R. C. *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: UNESP/Paralelo, 1998.

OLIVEIRA, L. Percepção e Educação Ambiental: Percepção e Representação do Espaço Geográfico. In: DEL RIO, V. & OLIVEIRA, L. (org.) *Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira*. São Carlos-SP: Editora EDUFScar, 1996.

_____. Ainda sobre percepção, cognição e representação em geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Saete (org.). *Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea*. Curitiba: Editora UFPR, 2002, p.189-196.

PCN's. Parâmetros Curriculares Nacionais – Apresentação dos Temas Transversais e Ética. Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF. Brasília-DF, 1997.

PIAIA, I. I. *Geografia de Mato Grosso*. Cuiabá: EdUNIC, 1997.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. de M. O conhecimento sobre os recursos vegetais alimentares em bairros rurais no Vale do Paraíba, SP, Brasil. *Acta Bot. Bras.* 23(4): 1190-1201. 2009.

POSEY, D. A. Introdução a Etnobiologia: Teoria e Prática. In: RIBEIRO, B. G. *Suma Etnológica Brasileira - Etnobiologia*. Volume 1. 2º Edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1987.

POSEY, D. A. Manejo da Floresta Secundária, Capoeiras, Campos e Cerrados (KAYAPÓ), In: *Suma Etnológica Brasileira Etnobiologia*. Volume 1. 2º Edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1987. p173-185.

PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. *Biologia da Conservação*. Londrina: Editora Vida, 2001.

REIGOTA, Marcos. *O Que é Educação Ambiental*. São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos).

REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1995. – (Coleção questões da nossa época; v. 41).

RODRIGUES, G. L. *Substrato e as técnicas de fermentação utilizadas na comunidade do Lobo, Cáceres-MT*. 2003. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Instituto de Ciências Naturais e Tecnológicas, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2003.

SACHS, I. *Ecodesenvolvimento: Crescer sem Destruir*. São Paulo: Vértice, 1986.

SATO, M.; SANTOS, E. Tendências nas Pesquisas em Educação Ambiental. In REIGOTA, M.; NOAL, F. & BARCELOS, V. (Orgs.). *Perspectivas da Educação Ambiental no Brasil*. Juí: Unijuí, no prelo. 2001.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: Possibilidades e Limitações. *Educação e Pesquisa: Revista da Faculdade de Educação da USP*, São Paulo: v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

SEEMANN, J. Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. OLAM - *Ciênc. & Tec.* Rio Claro Vol 3 no 1 p. 200 - 223 Setembro / 2003.

SEGURA, D. S. B. *Educação Ambiental na Escola Pública: da Curiosidade Ingênua à Consciência Crítica*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P.; FERRARO JUNIOR, L. A. Educação Ambiental como Política Pública. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.

TRISTÃO, M. *A Educação Ambiental na Formação de Professores: Redes de Saberes*. São Paulo: Annablume - Facitec, 2004.

TRISTÃO, M. Tecendo os Fios da Educação Ambiental: o Subjetivo e o Coletivo, o Pensado e o Vivido. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2005.

TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar – A Perspectiva da Experiência*. São Paulo-SP: Difel: Difusão Editorial, 1983.

TUAN, Y. F. *Topologia: um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo-SP: Difel: Difusão Editorial, 1980.

WERNECK, H. *Ensinamos Demais e Aprendemos de Menos*. 13ª Edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998.

10 - ANEXOS

ANEXO I



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER Nº035/2011 – CEP UNEMAT

Cáceres, 25 de Abril de 2011.

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Título: ETNOECOLOGIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O saber local na Comunidade do Lobo, Cáceres – MT.

Unidade: Comunidade do Lobo.

Local de Execução: Município de Cáceres, MT.

Período de Duração da pesquisa: 06 (seis) meses.

IDENTIFICAÇÃO DOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA

Orientador(a): Prof. Dr. Germano Guarim Neto

Orientando(a): Gustavo Laet Rodrigues

ANÁLISE

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso – CEP-UNEMAT, após análise do Projeto em comento, é de parecer que não há restrições éticas para o desenvolvimento da pesquisa.

CONCLUSÃO:

APROVADO

Prof. Dr. Maria Antonia Carniello
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa
UNEMAT – Cáceres/MT

OBS.: ESTE PARECER ANULA O PARECER Nº 020/2011 – CEP UNEMAT

Av. Tanereto Neves, 1095, Cavalhada, 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221 0031 – Fax: (65) 3222 3908
E-mail: cep@unemat.br



ANEXO II

Roteiro de Entrevista

Identificação

Nome Pesquisador: Gustavo Laet Rodrigues

Data coleta de dados:/...../2011.

Dados do Entrevistado

Nome:

Idade:

Número de Moradores na Residência:

Sexo: Masculino Feminino

Bairro: Lobo Boa Esperança

Endereço:

Quadra:

1-Tempo de residência no local: Menos de 5 Anos Entre 5 a 10 Anos
 Entre 10 a 15 Anos Entre 15 e 20 Anos Entre 20 a 25 Anos
 Mais de 25 Anos

2-Tempo de residência em Cáceres: Menos de 5 Anos Entre 5 a 10 Anos
 Entre 10 a 15 Anos Entre 15 e 20 Anos Entre 20 a 25 Anos
 Mais de 25 Anos

3-Naturalidade: Cacerense Outras Cidades de MT Outro Estado
 Outro País

4-Qual a sua ascendência:

5- Qual a renda familiar?

6-Sabe quando o Bairro ou Comunidade foi fundado?

7-Como se deu ocupação?

8-Principais atividades desenvolvidas na comunidade?

9-As famílias em geral vivem com renda de que? Da Agricultura? Trabalho da cidade? Ou o que?

10-Existe associação dos moradores? Igreja? Centro Comunitário? Presidente de Bairro?

11-Existe festas e/ou niver da comunidade? Algum tipo de organização na comunidade?

- Registrar a percepção ambiental que a comunidade tem do ambiente em que vive;
- Compreender como manejam os recursos (vegetação, animais, água e solo) do ambiente, incluindo os rituais culturais nessa utilização;
- Diagnosticar indicadores ambientais da comunidade para sustentabilidade, para serem ferramentas de Educação e Gestão Ambiental;
- Verificar como ocorrem os mecanismos de transmissão dos conhecimentos entre as gerações.

12-Descreva como é a comunidade em sua opinião? Como é a natureza? A paisagem?

13-Descreva o local que você mora?

14-Você gosta de residir na comunidade? Tem intenção de mudar?

15-Descreva o significado que a comunidade tem pra você?

16-Como se relaciona com o Meio Ambiente (Contexto sócio ambientais)? O que faz no cotidiano?

17-Que tipo de plantas cultiva?

Como funciona o plantio? Qual época ideal para plantar?

Como é o manejo diário?

Utiliza para o que? Qual parte da planta utiliza? Como é a preparação?

Ensina aos outros como se faz?

18-Quem realiza os manejos? Alguém auxilia?

Do solo? Dos animais? Das plantas? Da água?

19- O que acha que deve ser feito para as plantas não acabarem?

ANEXO III

LISTA DE ENTREVISTADOS

Número dos Entrevistados	Nome dos Entrevistados
E 01	Ângela Pereira da Silva
E 02	Benedita Justina da Silva Almeida
E 03	Emilio de Almeida
E 04	João Otávio Silva de Almeida
E 05	Eulália Ferreira do Nascimento
E 06	Eliana do Nascimento
E 07	Cassilda Barbosa Furrer
E 08	Otácio Guimarães Furrer
E 09	Zoraide Toledo Barbosa
E 10	José Milton Barbosa – Zé Pequeno
E 11	Luiz Antônio Caetano
E 12	Maria Lucia de Medeiros
E 13	Jerônimo Epifânio dos Passos – Sr. Chun
E 14	Inacita Gomes da Silva -
E 15	Eliezer Gomes da Silva – Pretinho
E 16	Everaldo de Campos Leite
E 17	Iracema da Silva Leite
E 18	Ângela Vanessa da Silva Leite
E 19	Raimison Rodrigo Ferreira Milla
E 20	Estelvina Leite da Silva
E 21	Maria Márcia da Silva
E 22	Tenório Vieira da Silva
E 23	Candelária de Moraes Leite
E 24	Afro de Campos Leite
E 25	Ionice Aparecida Fonseca – D. Anita
E 26	Tereza Tenória Cavalcanti
E 27	Benita dos Santos Melo
E 28	Armando de Castro
E 29	Rosa Maciel de Moraes
E 30	Orácio Pires de Moraes
E 31	Antônia de Almeida
E 32	Renan Kenedy de Almeida Costa
E 33	Sônia Maria Fernandes Naves